



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KAREN OHANA SOUSA BASTOS

**OS IMPACTOS DO PROGRAMA DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA
FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS (AS): RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

KAREN OHANA SOUSA BASTOS

**OS IMPACTOS DO PROGRAMA DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA
FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS (AS): RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale.

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B327i Bastos, Karen Ohana Sousa.
Os impactos do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência na formação de licenciados (as) [manuscrito] : relato de experiência / Karen Ohana Sousa Bastos. - 2018.
59 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale ,
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Educação. 2. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID. 3. Formação de docentes.

21. ed. CDD 370

KAREN OHANA SOUSA BASTOS

**OS IMPACTOS DO PROGRAMA DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA –
PIBID NA FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS (AS): RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em pedagogia.

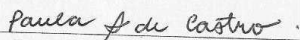
Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 18/06/2018.


BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Elizabeth Carlos do Vale (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Paula Almeida de Castro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Alessandro Frederico da Silveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me permitido chegar até aqui, por ter me proporcionado obter a capacidade necessária e a coragem para enfrentar os problemas e medos que surgiram durante minha graduação.

Agradeço aos meus pais Joseilza Sousa Bastos e Flávio Roberto Guilhermino Bastos por todo incentivo para que eu pudesse estudar e paciência que tiveram durante minha graduação e escrita do TCC, por todo dinheiro investido na minha formação como: as passagens, congressos, xerox e tudo o que eu precisava que possibilitasse uma formação de qualidade. Pelo tempo depositado a me ajudar, pelas alimentações servidas em minha mesa de estudo para que eu não precisasse parar o que estava produzindo para me alimentar e por aguentar meus muitos estresses durante toda graduação. O meu muito obrigado, vocês são indivíduos de uma importância extrema na minha vida.

Agradeço aos meus irmãos Franklin Wesley Sousa Bastos e Thiago Phillip Sousa Bastos pelo apoio e caronas para que eu pudesse me deslocar e chegar à universidade.

Agradeço a todos os membros da minha família, que direta ou indiretamente ajudaram e apoiaram minha formação, em especial minha avó Ana Guilhermino Bastos e a minha tia Luiza Cândida Bezerra Leite Bastos que muito me incentivaram e me incentivam a não parar apenas na graduação e buscar sempre um concurso público para obter uma estabilidade financeira.

Agradeço aos meus amigos (as), em especial Caio Domingos Vidal de negreiros, Kelven Matheus Santos Silva que não me deixaram desistir, me incentivando e doando seu tempo para poder me ajudar, sem esquecer Nathércia Michelle da Silva Pereira, Jefferson da Silva Pereira, Germano Emanuel da Silva Pereira, Victor Gomes Moreno, Maria Renally Braga dos Santos, Matheus Souza Santos, Fabiana de Araújo Tavares Oliveira e a todos os integrantes da minha “Tropa SJ”.

Agradeço as famílias: Silva, em especial Ruhamah Dantas Azevedo Silva que me acompanha desde a barriga de nossas mães; Araújo em especial a Sandra Mylena De Andrade Araújo por todo apoio e todo incentivo; Gouveia, em especial Maria do Socorro Araújo Gouveia que posso dizer que seria uma outra mãe; Pereira, em especial a Thaynara Barbosa Pereira por se orgulhar de todas as minhas conquistas, e a família Souto que é um presente de Deus em minha vida, em especial a Valkênia Kiurlly Gomes de Souto que suportou meus abusos e me acompanha em todas as loucuras, minha parceira na graduação e na vida.

Agradeço a Joseilda Crispim de Sousa Azevedo por ter me ensinado muitos macetes para minha profissão, por todo carinho, dedicação e desejo de me vê crescer, por toda confiança depositada em mim enquanto eu estagiava em sua sala e por ter proporcionado materiais de estudo sempre que eu precisei.

Agradeço as amigas bolsistas que em muito me ajudaram durante nosso tempo no programa, em especial a Alydiane Martins de Araújo, Silvilene Márcia Ferreira e Anne Caroline Silva Aires e a professora supervisora que dedicou um pouco do seu tempo para responder o questionário da pesquisa.

Agradeço as amigas que durante toda graduação se dispuseram a ajudar nos trabalhos acadêmicos, me tranquilizando quando necessário e me incentivando a ir sempre à busca de um conhecimento mais aprofundado, em especial a Josefa machado e Cinthia Mayara Menezes de Freitas.

Agradeço aos professores e professoras que me ajudaram durante minha graduação, em especial a Senyra Martins Cavalcante que oportunizou a minha experiência como monitora do seu curso de extensão e me ajudou a desenvolver minha escrita, a Cristiane Maria Nepomuceno que sempre me incentivou a ir à busca de conhecimentos além dos que a universidade me proporcionava, a Elizabete Carlos Do Vale que dedicou seu tempo para minha orientação, se preocupando com meu desenvolvimento e auxiliando minha evolução como pesquisadora, a professora Paula Almeida de Castro e ao professor Alessandro Frederico da Silveira que aceitaram o convite e se dispuseram a estar presente em minha banca examinadora.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de iniciação à docência através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

O meu muito obrigada!

EPÍGRAFE

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”
Paulo Freire, 2000.

RESUMO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é um programa de formação de professores que oportuniza aos licenciandos vivenciar a realidade educacional, enquanto ainda está no processo de formação docente, ou seja, além de conhecer o âmbito educacional, ele terá a oportunidade de atuar em sala de aula. Sendo assim, esse programa é importante para a formação do futuro profissional, pois permite uma vivência e experiência em sala de aula que apenas na academia não seria possível adquiri-la. Essa pesquisa objetiva refletir sobre a importância do PIBID para o repensar da formação inicial de professores; detectar as possíveis contribuições do programa para a escola básica, instituição que recebe os licenciandos, a partir da visão da professora e da minha experiência como ex-bolsista, ampliando assim o conhecimento a respeito deste programa. Configuram-se como sujeitos desta pesquisa, uma professora supervisora, dez alunos do 5º ano de uma Escola Municipal e uma ex-bolsista. Foram analisadas duas atividades com o intuito de compreender as contribuições referentes ao desenvolvimento dos alunos e aplicado um questionário buscando as impressões e contribuições do programa para a professora supervisora; A Fundamentação teórica é voltada para a formação de professores com autores como: Freire (1996), Soezek (2011), Nagle (1987), Parra (1987), Gatti (2013), Tardif (2002). A coleta e análise dos dados seguiram uma abordagem metodológica qualitativa proposta por Santos (2010). Os resultados encontrados na pesquisa mostram que: os alunos evoluíram de forma bastante significativa com os trabalhos voltados para o desenvolvimento da leitura e da escrita, com relação à professora supervisora, seu relato mostra que o PIBID veio para aperfeiçoar sua prática como docente, trazendo benefícios em sua formação e no que se refere à minha experiência como ex-bolsista, houve uma contribuição no que diz respeito à minha formação docente, afirmando que participar de um programa como este é benéfico para os envolvidos. Percebe-se que o PIBID é um programa que beneficia todos os envolvidos, unindo a teoria vista no âmbito acadêmico e a prática da sala de aula para ofertar uma educação com qualidade, visando o desenvolvimento do alunado e a formação de qualidade do futuro docente.

Palavras-chave: PIBID. Educação. Formação Inicial de Professores.

ABSTRACT

The Institutional Scholarship Initiative Program (PIBID) is a teacher training program that allows graduates to experience the educational reality, while still in the process of teacher education, that is, in addition to knowing the educational scope, they have the opportunity to act in the classroom. Therefore, this program is important for the formation of the future professional, because it allows an experience in the classroom that only in the Academy would not be possible to acquire it. This research aims to reflect on the importance of PIBID for the rethinking of initial teacher training; to detect the possible contributions of the program to the basic school, institution that receives the graduates, from the view of the teacher and from my experience as an former scholarship holder, thus increasing the knowledge about this program. The subjects of this research are, a supervising teacher, ten students of the 5th year of a Municipal School and a former scholarship holder. Two activities were analyzed in order to understand the contributions related to the development of the students, and a questionnaire was applied seeking the impressions and contributions of the program to the supervising teacher; The theoretical foundation is focused on teacher training with authors such as Freire (1996), Soezek (2011), Nagle (1987), Parra (1987), Gatti (2013) and Tardif (2002). Data collection and analysis followed a qualitative methodological approach proposed by Santos (2010). The results found in the research show that: the students evolved quite significantly with the work focused on the development of reading and writing, in relation to the supervising teacher, his report shows that the PIBID came to perfect his practice as a teacher, bringing benefits in his training, and in what concerns my experience as a former scholarship holder, there was a contribution regarding my teacher education, stating that participating in such a program is beneficial to those involved. It is perceived that PIBID is a program that benefits all involved, combining the theory seen in the academic field and the practice of the classroom to offer a quality education, aiming at the development of the pupil and the quality training of the future teacher.

Keywords: PIBID. Education. Initial Teacher Training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Reescrita da fábula pelo aluno A	31
Figura 2 – Produção a respeito do PIBID pelo aluno A.....	31
Figura 3 - Reescrita da fábula pela aluna B.....	32
Figura 4 - Produção a respeito do PIBID pela aluna B.....	32
Figura 5 - Reescrita da fábula pela aluna C.....	32
Figura 6 - Produção a respeito do PIBID pela aluna C.....	32
Figura 7 - Reescrita da fábula pelo aluno D.....	33
Figura 8 - Produção a respeito do PIBID pelo aluno D.....	33
Figura 9 - Reescrita da fábula pelo aluno E.....	34
Figura 10 - Produção a respeito do PIBID pelo aluno E.....	34
Figura 11 - Reescrita da fábula pela aluna F.....	34
Figura 12 - Produção a respeito do PIBID pela aluna F.....	34
Figura 13 - Reescrita da fábula pela aluna G.....	35
Figura 14 - Produção a respeito do PIBID pela aluna G.....	35
Figura 15 - Reescrita da fábula pelo aluno H.....	36
Figura 16 - Produção a respeito do PIBID pelo aluno H.....	36
Figura 17 - Reescrita da fábula pela aluna I.....	37
Figura 18 - Produção a respeito do PIBID pela aluna I.....	37
Figura 19 - livro produzido pela aluna J.....	38
Figura 20 - livro produzido pela aluna J.....	38
Figura 21 - livro produzido pela aluna J.....	39
Figura 22 - livro produzido pela aluna J.....	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior

CONEDU- Congresso Nacional de Educação

IES – Instituição de Ensino Superior

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E A FORMAÇÃO DOCENTE	14
2.1 Os saberes que envolvem a formação docente.....	15
2.2 O PIBID e as novas perspectivas para a formação inicial de professores.....	20
3. METODOLOGIA.....	25
4. CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA A ESCOLA BÁSICA: A VOZ DA PROFESSORA E DA ALUNA BOLSISTA DA EMEF RIVANILDO S. ARCOVERDE.....	26
4.1 A EMEF Rivanildo Sandro Arcoverde.....	26
4.2 Aprendizado proporcionado pelo PIBID para os licenciandos: visão da bolsista.....	26
4.3 Impactos do PIBID no desenvolvimento dos alunos.....	30
4.4 .Impressões da professora supervisora.....	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
6. REFERÊNCIAS.....	48
7. ANEXOS.....	50
8. APÊNDICES	56
APÊNDICES A – Apresentação do questionário ao participante da pesquisa.....	56
APÊNDICES B - Modelo do questionário entregue.....	57
APÊNDICES C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	58

1- INTRODUÇÃO

O início de uma aprendizagem docente se deu em setembro de 2016 até março de 2018 quando fui bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), mais especificamente no subprojeto do curso de Pedagogia do Campus I – Campina Grande/PB. Desse subprojeto participaram vinte alunas, que semanalmente estavam inseridas em quatro escolas da rede municipal de Campina Grande a fim de vivenciar o cotidiano escolar e a rotina do professor, promovendo ações conjuntas com ele; favorecendo reflexões acerca da formação docente e possibilitando a articulação entre universidade e escola, teoria e prática.

Pesquisas sobre formação de professores no Brasil apontam que a formação inicial é frágil e a formação continuada é pontual e fragmentada não ajudando muito ao professor a lidar com os inúmeros desafios presentes no cotidiano da sala de aula. Na busca pela superação desses desafios, o Ministério da Educação, juntamente com as Instituições de Ensino Superior (IES), em 2009, criou um programa de concessão de bolsas de iniciação à docência, denominado de PIBID. O processo de iniciação à docência tem me ajudado a entender que exercer a profissão docente não é uma tarefa fácil, pois requer do professor muito estudo, sensibilidade para entender a complexidade da ação pedagógica, entre essas, o compromisso com o processo de aprendizagem dos alunos e ainda, enfrentar a luta contra a desvalorização do magistério.

Mesmo compreendendo que ser professor não é tarefa fácil, quando cursava o Ensino Médio já almejava essa profissão por entender que através da educação poderia haver mudanças na sociedade em que vivemos, desse modo, pretendia ser um agente de mudança. Tal “sonho” me impulsionou a ingressar no curso de pedagogia, entretanto, ao me deparar de um lado, com as exigências inerentes ao ensino superior e do outro com a frágil formação que tive no decorrer da educação básica, o medo e as dúvidas começaram a surgir e a cada semestre letivo me questionava se conseguiria “dar conta” de ser professora.

Desse modo, quando cursava o 5º período do curso de pedagogia tive a oportunidade de participar da seleção do PIBID. Tal possibilidade foi de extrema importância, não apenas para vencer meus medos, mas para meu progresso pessoal, para meu desenvolvimento no âmbito acadêmico, pois, passei a compreender melhor o processo ensino-aprendizagem, a partir da relação teoria-prática do fazer pedagógico. A experiência vivenciada na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Rivanildo Sandro Arcoverde, município de Campina Grande/PB, através do PIBID me impulsionou a refletir sobre o meu processo de

iniciação à docência e trazê-lo como objeto de estudo do meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, cuja tema é uma reflexão sobre “Os impactos do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência na formação de licenciandos (as): relato de experiência”. Tomando como ponto de partida a proposta do PIBID e como ponto de chegada as mudanças por ele propiciadas, objetivamos no presente trabalho: refletir sobre a importância do PIBID para o repensar da formação inicial de professores; detectar as possíveis contribuições do programa para a escola básica, instituição que recebe os licenciandos, a partir da visão da professora supervisora e da minha experiência como ex-bolsista.

A metodologia que embasa o trabalho é a pesquisa qualitativa, a coleta de dados surgiu da observação participante, por meio da minha inserção na escola e como fonte de registro a reflexão da experiência vivenciada no processo de iniciação à docência. Para a consecução do presente trabalho, procuramos dialogar com autores que estudaram e/ou estudam sobre a problemática da formação docente, como: Freire (1996), Soezek (2011), Nagle (1987), Gatti (2013), Tardif (2002), entre outros.

2- A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E A FORMAÇÃO DOCENTE

A partir de estudos sobre a formação de professores à luz da legislação brasileira, Amaral (2011) reporta-se a estudos desenvolvidos por Saviani (2007), que apontam que a formação de professores emerge como problema somente a partir da universalização da instrução elementar e consequente instituição dos sistemas nacionais de ensino.

A partir, porém, do século XIX, a necessidade de universalizar a instrução elementar conduziu à organização dos sistemas nacionais de ensino. Estes concebidos como um conjunto amplo constituído por um grande número de escolas organizadas segundo um mesmo padrão, se viram diante do problema de formar professores, também em grande escala, para atuar nas referidas escolas e o caminho encontrado para equacionar essa questão foi a criação de escolas normais, de nível médio, para formar professores primários, atribuindo-se ao nível superior, a tarefa de formar os professores secundários (SAVIANI, 2007, *Apud* AMARAL, 2011, p. 104).

Ainda de acordo com a autora, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei n. 4.024/61) normatizou a formação do Magistério para o Ensino Primário e Médio. Para o nível primário se dá, conforme a lei, em escola normal de grau ginásial, (com, no mínimo quatro séries anuais, constando disciplinas obrigatórias do curso secundário e disciplinas pedagógicas) e grau colegial (com, no mínimo três séries, em prosseguimento ao grau ginásial). “Em 1971, em meio ao “milagre econômico brasileiro”, é promulgada a Lei 5.692, cuja característica mais marcante foi imprimir um cunho profissionalizante na formação educacional” (Idem, p. 106).

O momento social pós redemocratização do país, ocorrido a partir do fim do Regime Militar impõe a sociedade a busca pela abertura política, que reflete, no âmbito da escola num movimento pela redemocratização do ensino. É nesse contexto que é estruturada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei n. 9.394/96 que redefine o lugar da União na organização da Educação Nacional, ou seja, a União passou a articular os diferentes níveis e sistemas de ensino e exercer as funções normativa, redistributiva e supletiva em relação às outras instâncias educacionais. No que diz respeito à formação de professores, a LDB define que:

A formação de professores para a educação básica deve acontecer em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação; em seu artigo de número 63, estabelece que os Institutos Superiores de Educação deverão manter cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinados à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental. Entretanto, na mesma medida em

que estabelece como regra a formação de professores para a Educação Básica em nível superior, admite como formação mínima a oferecida em nível médio, nos cursos normais. As sobreposições de funções nos cursos de Pedagogia e Normal Superior, bem como a dissociação entre ensino, pesquisa e extensão nos Institutos Superiores de Educação causam preocupação sobre a qualidade da formação de professores possibilitada pela legislação vigente. (AMARAL, 2011, p. 113).

Pesquisas sobre a formação para docência e as políticas educacionais apontam que na última década do século XX, o Brasil elaborou uma agenda nacional de políticas educacionais geradoras de uma maior cobertura do ingresso no Ensino Fundamental, de efetivação de programas de regularização de fluxo escolar e de ampliação do acesso ao Ensino Médio, permitindo o aumento da população escolarizada. De acordo com Lúcia Neves (2013), ligada à ideia corrente de que pela educação universalizada as sociedades democráticas promoveriam uma mobilidade social e, conseqüentemente, uma diminuição das desigualdades sociais, a formação de professores tornou-se, nesse sentido, um dos temas relevantes da história da educação na entrada do século XXI. “A formação e a prática desses profissionais adquiriram, progressivamente, relevância estratégica na construção e consolidação de projetos político-sociais na atualidade brasileira” (NEVES, 2013, p.2). Para a autora, essa ideia acompanha uma nova visibilidade para a formação de professores respaldada pela LDB 9394/96 por meio do artigo 61, ao determinar que a formação dos profissionais da educação (inclui-se os professores) terá como fundamentos “a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviços” (BRASIL, 1996, p.36).

2.1. OS SABERES QUE ENVOLVEM A FORMAÇÃO DOCENTE

O professor tem uma função social que não se limita a ensinar apenas conteúdos definidos pelo currículo escolar. Ele pode e deve ser um agente transformador, mas para isto precisa conhecer os aspectos sócio-econômicos, culturais e político-pedagógicos que envolvem a educação como um todo, além, evidentemente, do aspecto curricular. A compreensão desses aspectos é de extrema importância para a construção da identidade profissional do professor.

Quem forma o profissional é a universidade, entretanto, é preciso refletir sobre a efetivação desse processo de formação. Para grande parte dos graduandos que chegam à universidade com uma formação básica frágil e com pouco conhecimento sobre o curso que pretende fazer, a formação oferecida na graduação fica muito aquém das necessidades

formativas desses indivíduos. A maioria dos cursos de licenciatura tem muitos componentes curriculares, carga horária longa que ao mesmo não dão conta da quantidade de conteúdos a serem trabalhados. Esses aspectos demonstram que não há um curso que deixe o profissional pronto para exercer a sua profissão. É preciso que os cursos de formação docente, possibilitem ao graduando uma formação para a reflexão de sua própria prática, pois a sociedade vive em mudanças constantes, isso em todos os aspectos, seja ele político, econômico ou social, desta forma o que conhecemos hoje não será suficiente em um futuro próximo, e como formamos cidadãos é preciso que estejamos constantemente buscando nos atualizar, pesquisando e indagando.

No que diz respeito às pesquisas e atualizações dos professores, em nossas aulas na universidade escutamos constantemente que a sala de aula para o professor é um ambiente de pesquisa, mas não é todo professor que consegue realizar a tarefa de ser bom professor e bom pesquisador, pois embora as duas coisas andem juntas, há aspectos isolados que precisam ser dominados, o professor trabalha muito com a comunicação, mas o pesquisador com os problemas, com a descoberta e é nesse sentido que as atividades se distanciam, seguindo esta linha de raciocínio Nagle (1987) expõem que:

As pessoas são obrigadas a ser, ao mesmo tempo, bons professores (educadores?) bons pesquisadores. Seria oportuno perguntar se a natureza é tão pródiga em colocar na mesma pessoa características diferentes, e muitas vezes antagônicas. Está claro que há diferenças marcantes entre um bom professor e um bom pesquisador. O professor, em primeiro lugar, tem como interlocutor um grupo de pessoas, de alunos, e por isso mesmo deve ser um bom comunicador. Ser um bom comunicador envolve questões complicadas de linguagem e ajustamento de forma e conteúdo, bem como de relacionamento pessoal. Em segundo lugar, ser um bom professor não é uma tarefa simples, como se supõe; mesmo a aula é atividade que apresenta muitas dificuldades. É necessário pensar que a tarefa de ministrar aulas supõe atividades diferenciadas e muito complexas; nem todos os professores têm condições para realizá-las com a mesma competência. Por exemplo: em relação a outros, alguns professores estão mais capacitados para estabelecer o processo de comunicação, alguns possuem maiores recursos para processar a avaliação, alguns têm maior capacidade de síntese ou ainda para desenvolver determinados tipos de raciocínio. E aqui estão sendo apresentadas algumas características da tarefa de ser professor. É difícil pensar que a mesma pessoa consiga realizar bem, a não ser em casos especialíssimos, todas as tarefas que são próprias da docência (NAGLE, 1987, p.169).

Noutra perspectiva, Paulo Freire (1996, p.32) afirma que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Neste sentido, para o autor, um bom professor é aquele que está em busca do desconhecido, que se questiona, indaga e vai à busca de respostas para que sua

comunicação em sala não se restrinja aos livros didáticos, que seja voltada para ação-reflexão-ação e possa prover uma educação crítica em sala de aula.

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 1996, p.29).

Na perspectiva Freireana, a formação inicial docente deve contribuir para formação de um professor-pesquisador, tendo como local de estudo a sua sala de aula, e partindo das ações realizadas o seu aperfeiçoamento por meio das reflexões, que seria a análise de sua prática, procurando sempre a união da teoria e da prática. Desse modo, a educação precisa ser voltada para a realidade vivida, caminhando juntamente com as necessidades da sociedade. É por isso que a formação docente precisa está ligada a prática e aos problemas que poderão surgir na escola, é nesse aspecto que a universidade precisa estabelecer uma parceria orgânica com a escola, através da vivência de um diálogo profícuo onde prevaleça a troca de saberes e experiência, cujo objetivo maior é a melhoria da aprendizagem dos alunos e, conseqüentemente a melhoria da educação.

Um dos aspectos presentes nas reflexões de diversos autores que discutem sobre formação de professores é o da necessidade de que no processo formativo as teorias não sejam dissociadas da prática. No entender de Gatti (2013), historicamente a formação de professores no Brasil é marcada por problemas que precisam ser enfrentados pelos cursos de licenciatura das universidades:

É necessário poder superar conceitos arraigados e hábitos perpetuados secularmente e ter condições de inovar. Aqui, a criatividade das instituições, dos gestores e professores do ensino superior está sendo desafiada. O desafio não é pequeno quando se tem tanto uma cultura acadêmica acomodada e num jogo de pequenos poderes, como interesses de mercado de grandes corporações (GATTI, 2013, p. 36).

Para Tardif (2002) um dos problemas na formação de professores está relacionado aos formadores, pois, muitos professores universitários que atuam nos cursos de licenciatura nunca tiveram experiência na educação básica. Ou seja, muitos desses professores, geralmente ao terminar sua graduação entram no mestrado e em seguida no doutorado e passam a trabalhar nas universidades sem ao menos ter passado pelos estágios da Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Médio. Não conhecem a realidade da educação, sabem apenas a

teoria, o que se fala sobre, mas não viveu, então como o ensino deste professor será voltado para a realidade educacional?

Na formação de professores, ensinam-se teorias sociológicas, docimológicas, psicológicas, didáticas, filosóficas, históricas, pedagógicas, etc., que não foram concebidas, a maioria das vezes, sem nenhum tipo de relação com o ensino nem com as realidades cotidianas do ofício de professor. Além do mais, essas teorias são muitas vezes pregadas por professores que nunca colocaram os pés numa escola ou, o que é ainda pior, que não demonstram interesse pelas realidades escolares e pedagógicas, as quais consideram demasiado triviais ou demasiado técnicas. (TARDIF, 2002, p. 241).

Ainda de acordo com Tardif (2002, p.57) o processo de formação docente envolve diversos saberes docentes que se complementam entre si. O autor destaca quatro saberes que no seu entender são importantes para a formação docente: **os saberes da formação profissional** (saberes científicos adquiridos durante a formação inicial); **os saberes disciplinares** (saberes sociais adquiridos ao longo da história, selecionados e transmitidos pela instituição de formação); **os saberes curriculares** (dizem respeito aos saberes apresentados por programas, métodos, objetivos que os professores precisam aprender) e **os saberes experienciais** (saberes específicos dos professores que foram adquiridos durante o cotidiano do seu trabalho, tanto de forma individual como coletivo, seriam as experiências vividas no saber-fazer e de saber-ser). Para Tardif, “o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc” (TARDIF, 2002, p. 11).

Para se ensinar é preciso aprender a ensinar, adquirir e dominar os saberes necessários para essa prática. Ainda de acordo com Tardif (2002, p. 60) esses saberes provêm de fontes diversas, como: a formação inicial e continuada dos professores, o currículo e a socialização escolar, os conteúdos das disciplinas a serem ensinadas, a experiência na profissão, a cultura pessoal e profissional, a aprendizagem com os pares, etc.

Os diversos saberes dos professores estão longe de serem todos produzidos diretamente por eles, que vários deles são de um certo modo “exteriores” ao ofício de ensinar, pois provêm de lugares sociais anteriores à carreira propriamente dita ou situado fora do trabalho cotidiano. Por exemplo, alguns provêm da família do professor, da escola que o formou e de sua cultura pessoal; outros procedem das universidades; outros são oriundos da instituição ou do estabelecimento de ensino (programas, regras, princípios pedagógicos, objetivos, finalidades, etc.); outros, ainda, provêm dos pares, dos cursos de reciclagem, etc. (TARDIF, 2002, p. 64).

Conforme defende o autor, são varias as fontes de saberes e cada parte destes saberes se transforma no saber profissional, mas o que o professor precisa ter em mente é que um professor nunca define sozinho e em si mesmo o seu próprio saber profissional. Ao contrario, esse saber é produzido socialmente, resulta de uma negociação entre diversos grupos, isso significa que nos ofícios e profissões não existe conhecimento sem reconhecimento social. Tardif (2002) chama a atenção para o fato de que adquirir saberes não é algo que acontece em um curto período de tempo, ou em um único lugar, mas é um processo:

O saber dos professores não é um conjunto de conteúdos cognitivos definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua “consciência prática”. (TARDIF, 2002, p.14).

Outro problema que se difere ao que Tardif traz a respeito dos cursos de graduação seria a questão de que os estágios obrigatórios ofertados por grande parte dos cursos de licenciatura resumem-se a parte de observação do cotidiano escolar, dificultando ao licenciando a compreensão mais ampla do funcionamento do espaço escolar e da dinâmica em sala de aula. No geral, a carga horária dos estágios e o próprio acompanhamento do aluno pelo professor que na maioria das vezes acompanha em média 20 alunos estagiários em escolas diferentes fazendo com que o processo de formação do licenciando seja cheio de lacunas.

Apesar disso, as observações largamente difundidas sobre o funcionamento das licenciaturas e estudos específicos publicados nos autorizam a sugerir que a maior parte dos estágios envolve atividades de observação, os estudantes procuram por conta própria as escolas, sem plano de trabalho e sem articulação entre instituição de ensino superior e escolas, e sua supervisão acaba tendo um caráter mais genérico, ou apenas burocrático, muitas vezes, em função do número de licenciandos a serem supervisionados por um só docente da instituição de ensino superior. Esses estágios acabam não se constituindo em práticas efetivas e fonte de reflexão sobre ações pedagógicas para os estagiários. (GATTI, 2013, p.40).

A partir dessas reflexões a cerca da formação de professores e visando superar as práticas fragmentadas e estanques, tão comum nos cursos de graduação, em especial os cursos de licenciatura percebe-se que é preciso abrir espaço para a prática interdisciplinar seja vivenciada no currículo acadêmico visando superar as práticas fragmentadas já mencionadas. No geral, há um discurso em defesa de práticas pedagógicas interdisciplinares, entretanto, na prática os conteúdos dos diversos componentes curriculares não dialogam entre si. Mudar a

realidade da formação dos professores é um processo lento que exige vontade política e um repensar sobre as propostas de formação do professor. Apresenta-se também, como necessidade fundamental, pois tal melhoria incide diretamente sobre a melhoria da educação básica. Sobre esse aspecto, Gatti (2013), afirma que:

Reverter um quadro de formação inadequada de professores não é processo para um dia ou alguns meses. Não se faz milagre com a formação humana mesmo com toda a tecnologia disponível. Não dá para implantar um chip de sabedoria no homem. Esta tem que ser desenvolvida em longo processo de maturação, como é longo nosso processo de crescimento físico-fisiológico (GATTI, 2013, p. 42).

Não é possível discutir o papel da Educação na sociedade contemporânea sem levar em conta o processo de formação de professores, tanto inicial, como continuada em serviço, bem como o contexto escolar e o contexto das instituições formadoras, pois ambos são primordiais na forma de pensar e de agir do profissional da educação. Desse modo, a formação docente é a questão central dos cursos de licenciatura, seja no sentido de repensar a formação inicial ofertada pelos variados cursos, seja no sentido de buscar propostas políticas de formação que busquem a efetivação da relação teoria-prática nos processos formativos, no sentido de superar a fragmentação do conhecimento e o distanciamento entre teoria e prática tão comum na formação inicial ofertada nos cursos de graduação. É a partir dessa perspectiva que surge o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

2.2. O PIBID E AS NOVAS PERSPECTIVAS PARA A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Regulamentado em 2007 pela CAPES, o PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência, desenvolvidos por Instituições de Ensino Superior (IES) em parceria com escolas da educação básica da rede pública de ensino, também concede bolsas a professores atuantes na rede pública de educação básica e a professores de universidades públicas.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), tal programa, objetiva “antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública”. Busca-se através do PIBID uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), e as escolas da educação básica. Assim os Pibidianos, termo usado para se referir aos acadêmicos bolsistas do

PIBID, têm a oportunidade de manter um contato maior com o ambiente escolar, com os alunos e com os professores das escolas de educação básica a fim de complementar sua formação acadêmica a partir do contexto das escolas, seu futuro campo de atuação profissional (CAVALI. FERRAZ, 2016).

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) orienta que “Os projetos devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica” (BRASIL, 2010, P.1). Desta forma, as discussões a respeito da educação nos cursos de graduação não ficarão apenas sendo realizadas através de leitura, mas refletida através da prática e vivência no cotidiano escolar. São objetivos do PIBID:

- a) Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- b) Contribuir para a valorização do magistério;
- c) Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre a educação superior e a educação básica;
- d) Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- e) Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como conformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério;
- f) Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (BRASIL, 2010, p.3).

Assim, a principal proposição do PIBID é iniciar os licenciandos na escola pública de educação básica e proporcionar-lhes participação em experiências de caráter inovador e interdisciplinar, que articulem diferentes áreas do conhecimento e promovam a relação teoria e prática, a partir do estabelecimento de relações entre a universidade e a escola.

Uma fala constante no âmbito universitário é que o professor deve proporcionar para o alunado uma aprendizagem significativa, mas aqueles licenciandos que não tiveram oportunidade de vivenciar o cotidiano da escola de maneira mais intensa, certamente terão maiores dificuldades em entender de fato o que é aprendizagem significativa e como esta se materializa no processo ensino-aprendizagem. A partir da minha experiência no PIBID posso afirmar que o processo de iniciação à docência nos permite compreender os desafios de construir propostas de ensino que busquem efetivar processos de aprendizagem significativas, ao mesmo tempo em que nos permite vivenciar possibilidades de práticas pedagógicas que

visam concretizar estas aprendizagens, pois, como afirma Paulo Freire (1996, p. 22), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

A parceria entre universidade e escola básica em prol de um ensino de qualidade, favorece a partir da relação teoria-prática uma formação mais consistente do (a) licenciando (a) visto que o processo de iniciação à docência permite a compreensão de como se estrutura o cotidiano da escola, com suas riquezas, contradições, desafios e aprendizados. É em meio a essa diversidade, convivendo com alunos/as e professor/a supervisor/a e demais sujeitos que fazem a escola que o/a licenciando/a vai compreendendo e exercitando o ofício da docência, pois, como afirma Paulo Freire (1996, p. 23) “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Desse modo, compreendemos que enquanto ensinamos algo para os alunos estamos aprendendo não só como ensinar, mas também como os alunos aprendem. Em reflexão feita noutro trabalho, já apontávamos que:

Na universidade assistimos diversas aulas de cunho teórico que fornece suporte para nossa prática, porém, nenhuma nos ensina a forma de como dar aula, pois, não existe uma forma, uma “receita” da melhor maneira de ministrar uma aula, é tudo questão de prática e o PIBID nos proporciona isso, um contato direto com o aluno e com o ser professor (BASTOS; RODRIGUES, 2017, p.3).

O PIBID aproxima as Instituições de Ensino Superior (IES) com as escolas de Educação Básica e através dos professores supervisores e coordenadores dos subprojetos estabelece-se um diálogo entre as IES e a escola básica, possibilitando uma troca de experiências entre o profissional e o graduando, com isso a prática docente é repensada por todos os envolvidos e o trabalho passa a ser resultado de uma ação coletiva na qual a práxis docente é repensada tanto na escola, quanto na universidade. Pesquisas de Canan e Corsetti (2014) feitas junto à licenciandos de pedagogia de uma universidade pública que vivenciaram experiências de iniciação à docência através do PIBID mostram:

Penso que o que vale salientar no PIBID, é que a gente está em constante contato com a realidade educacional e isso mostra, muitas vezes, de forma clara, algumas contraposições que existem na teoria que a gente estudou aqui na Universidade e a forma como acontece na sala de aula. O PIBID permite esse contato com a realidade, no caso com os alunos, permite experienciar, ou seja, experimentar formas diferentes de você atuar e, também, de ver que nem tudo o que se aprende na teoria que você estuda se dá da mesma forma na prática e, também, esse contato com os professores e com os alunos da

escola além da prática faz com a gente possa buscar nos autores novas formas de atuar (CANAN, CORSETTI, 2014, p.8).

A formação docente consistente depende muito do embasamento teórico aliado à prática vivenciada no cotidiano escolar, pois à medida que observamos e refletimos sobre o fazer docente do professor, aprendemos a elaborar a nossa docência. Aprendemos que tudo o que fizermos em sala precisa ser analisado e refletido para que a teoria não venha ser desvinculada com a prática e vice-versa, bem como para que a aprendizagem do aluno esteja em primeiro lugar, pois como destaca Paulo Freire:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos (FREIRE, 1996, p. 64).

Acredito que para recém-licenciados que tiveram uma formação prática limitada apenas aos estágios e as disciplinas didático-metodológicas, o início na docência é ainda mais desafiador, visto que, falta-lhes instrumentos para melhor compreensão acerca dos desafios e dificuldades impostos pela prática docente que só a vivência no cotidiano da escola pode oferecer. O PIBID visa superar essa limitação do processo de formação docente.

O PIBID, ao viabilizar um contato de maior abrangência temporal e reflexiva do graduando com a Escola, cria um espaço de interação que permite uma aproximação maior entre a Escola e a IES. Ao incentivar a reflexão sobre a práxis pedagógica, orienta e propicia aos graduandos a prática da pesquisa em educação. Por isso, esse Programa constitui-se num interessante modelo de formação de professores, aumentando a sensibilidade para a demanda por uma educação de qualidade centrada nos estudantes, foco do processo educativo (SOEZEK, 2011, p. 64).

De fato, o PIBID pode ser considerado como um meio de aperfeiçoar a formação docente, pelo fato da aproximação que ele possibilita com o as escolas, permitindo a vivência em sala de aula antes do término da graduação, propiciando melhor qualidade na formação do futuro docente, na medida em que possibilita a inserção dos licenciandos nas escolas durante todo ano letivo e em todos os aspectos referentes ao cotidiano escolar, seja nos planejamentos, reuniões com a equipe pedagógica e com os pais, e na própria docência (oportunidade de assumir uma sala de aula com a supervisão de um profissional experiente).

Os pibidianos são orientados a envolver-se com as diversas atividades desenvolvidas pela escola durante o ano letivo sob a supervisão constante da professora supervisora que

cumprir um papel fundamental no processo de formação docente do licenciando. São as professoras supervisoras que orientam e acompanham os pibidianos na realização de práticas pedagógicas definidas nos Projetos Didáticos planejados no início do período letivo, juntamente com os bolsistas e o professor da universidade que coordena cada subprojeto do PIBID.

A partir da minha experiência no PIBID, posso afirmar que as professoras supervisoras dentro das suas especificidades, tem a mesma importância dos professores da universidade, visto que na universidade estudamos os referenciais teóricos que orientam a formação docente, e na escola se busca vivenciar na prática o que foi orientado teoricamente. Ao mesmo tempo em que contribui com a formação do licenciando, o professor supervisor vivencia também um processo de formação docente, pois, passa a refletir mais sobre o seu trabalho, busca planejar estratégias didáticas diferenciadas junto com os bolsistas e o professor da universidade, ouvindo-os e quando necessário, reestruturando sua ação pedagógica. Desse modo, o PIBID também proporciona aos professores supervisores uma formação continuada, a partir da vivência com novas ideias, metodologias e ampliação de conhecimento, através da troca de experiências com a equipe do projeto.

Para as escolas públicas da educação básica, o PIBID classifica-se como um programa que tem contribuído com a melhoria dos níveis de aprendizagem dos alunos, pois, via de regra, os professores que atuam no ensino fundamental lidam com turmas numerosas, com alunos que apresentam as mais variadas dificuldades de aprendizagem, o que dificulta o acompanhamento mais sistemático e individualizado dos mesmos. A inserção dos bolsistas nas salas de aulas contribui para o desenvolvimento de ações didáticas que visam à superação das dificuldades dos alunos. Tendo como ponto de partida as reflexões sobre o PIBID enquanto programa importante para repensar o processo de formação docente, bem como a partir da minha experiência de ex pibidiana do subprojeto de Pedagogia do Campus I, Campina Grande, abordo sobre os impactos do PIBID no meu processo de formação e na escola parceira, a partir do olhar da professora supervisora.

3- METODOLOGIA

A metodologia adotada na pesquisa pode se caracterizar como uma pesquisa descritivo-exploratória, cujo foco central é descrever e analisar as contribuições do PIBID para a formação inicial de professores e para a escola da educação básica. Sua fonte é primária, pois deriva de uma experiência pessoal e secundária pelo fato de utilizar do questionário e de leituras sobre a temática central do trabalho, pois conforme Santos (2010, p. 44) “fundamenta-se na ideia de que um fenômeno pode ser melhor compreendido quando examinado no contexto em que ocorre e do qual faz parte. Para apreciá-lo de forma integrada, o pesquisador deve mergulhar na realidade, procurando interpretá-la a partir da perspectiva das pessoas nela envolvidas”, traduzindo os resultados analisados em considerações.

Desse modo, objetivamos refletir sobre a importância do PIBID para o repensar da formação inicial de professores; detectar as possíveis contribuições do programa para a escola básica, instituição que recebe os licenciandos, a partir da visão da professora e da minha experiência como ex-bolsista. O *locus* do desenvolvimento do trabalho foi na EMEF Rivanildo Sandro Arcoverde, localizada no bairro Presidente Médici, na cidade de Campina Grande/PB, escola parceira do Programa onde experienciei atividades de iniciação à Docência como bolsista do PIBID. Assim, apresento no presente trabalho, a fala da professora supervisora do PIBID da escola que foi colhida através de um questionário (apêndice A e B), a mesma assinou um termo de consentimento livre e esclarecido para que não gerasse dúvidas a respeito do seu consentimento, no que diz respeito ao uso da sua fala (apêndice C) e exemplares de trabalhos desenvolvidos por dez alunos do 5º ano do ensino fundamental onde se realizou as ações do PIBID.

4- CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA A ESCOLA BÁSICA: A VOZ DA PROFESSORA E DA ALUNA BOLSISTA DA EMEF RIVANILDO S. ARCOVERDE.

4.1. A EMEF RIVANILDO SANDRO ARCOVERDE

Conforme já destacado anteriormente, de setembro de 2016 a março de 2018 fui bolsista Pibid, subprojeto do curso de Pedagogia do Campus I – Campina Grande/PB, na EMEF Rivanildo Sandro Arcoverde, localizada no bairro Presidente Médici na cidade de Campina Grande/PB. É uma escola de porte pequeno, tem cinco (05) salas de aula, uma (01) sala da diretoria e uma (01) sala de professores, uma (01) sala para Atendimento educacional Especial (AEE), banheiros e cozinha. As salas de aula são amplas, bem iluminadas e arejadas. Não possui biblioteca, sala de informática e de leitura, nem quadra poliesportiva, bem como são poucos os recursos didáticos disponíveis na escola, limitando-se a aparelho de TV e DVD, impressora, retroprojeter e data show. Em relação ao atendimento, a escola oferece educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental no turno diurno e educação de jovens e adultos no turno noturno. No geral, os alunos dessa escola são de famílias carentes moradoras do bairro e do seu entorno.

Em relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) dessa escola, embora ainda não tenha atingido a meta brasileira de 6,0 pontos, nos últimos anos tem melhorado seu índice. Em 2014 seu IDEB foi 4,4, já em 2015 atingiu 5,0 conforme últimos dados do INEP¹.

No ano de 2017 a escola contou com 411 alunos distribuídos na educação infantil, nas séries iniciais do ensino fundamental e na educação de jovens e adultos. A escola oferece nos contraturnos atividades complementares como aulas de reforço escolar e aulas de capoeira, através do programa Mais Educação do Governo Federal. No que se refere à organização didático-pedagógica, a escola acompanha o “Calendário/planejamento didático” definido pela Secretaria Municipal de Educação de Campina Grande, que define “grandes temáticas” a serem trabalhadas no decorrer do período letivo.

4.2- APRENDIZADO PROPORCIONADO PELO PIBID PARA OS LICENCIANDOS: VISÃO DA BOLSISTA

¹ <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/25073877>

Em agosto de 2016 o subprojeto do PIBID Pedagogia abriu uma seleção a qual fui submetida e aprovada, quando cursava o 5º período do curso. No mês de setembro comecei a atuar na EMEF Rivanildo Sandro Arcoverde numa turma do 5º ano no período da tarde. No que se refere às ações do PIBID na referida escola, desde o início do ano estava sendo posto em prática o Projeto Didático **“Despertar, Aprender, Criar: a vivência da leitura e escrita na escola”**. Os três primeiros meses no Pibid foram de observação atenta da escola como um todo: sujeitos, estrutura e cotidiano da escola, organização didático-pedagógica e vivência na sala de aula, para que eu pudesse compreender melhor o funcionamento da escola e a dinâmica da sala de aula, conhecer o subprojeto de leitura e escrita que já estava em andamento, bem como para que os alunos passassem a me conhecer e compreender a minha presença na sala de aula. No decorrer do tempo passei a contribuir com a realização de atividades como: rodas de leitura, orientação nas atividades individuais de alunos, quando solicitada, auxílio em atividades desenvolvidas pela professora.

A minha primeira atividade desenvolvida de maneira mais autônoma foi à apresentação de uma dramatização da lenda “Chico Rei” juntamente com as outras pibidianas. A dramatização me ajudou vencer um pouco “meus medos” e inibição, bem como perceber a importâncias das atividades lúdicas para o processo de aprendizagem das crianças, principalmente no que se refere à oralidade, leitura e expressão corporal.

Os três primeiros meses serviram de base para saber como é o funcionamento e o cotidiano de uma escola. Compreendi que embora a Universidade propicie estágios nas variadas etapas da educação básica, estes não suprem a necessidade de conhecimento exigida ao licenciando, tanto pelo curto período de tempo na escola, quanto pelas dificuldades de acompanhamento do professor da Universidade e da Escola campo de estágio. No ano letivo seguinte (2017) já estava bem mais segura e confiante sobre o nosso papel na escola. Nesse ano continuamos a atuar na turma do 5º ano, turma em que a professora supervisora do PIBID fora lotada.

A compreensão melhor sobre o fazer docente contribuiu para que no ano letivo seguinte (2017) me sentisse mais segura e confiante no que se refere às ações que passaria a desenvolver. O aprendizado deveu-se não só a minha inserção na escola, mas também ao papel que a professora supervisora desenvolveu como orientadora junto às pibidianas da escola. É a professora supervisora que acolhe e orienta os pibidianos sobre o funcionamento cotidiano da escola e as suas diversas práticas educativas, tanto as de natureza administrativa/burocrática, quanto as de natureza pedagógica/didática (vínculo ao sistema municipal de educação, organização, funcionamento e proposta curricular que orienta as ações

da escola, etc). Tais aspectos me ajudaram a compreender que as ações planejadas pelo PIBID deveriam está em sintonia com as propostas curriculares definidas para a escola pela Secretaria de Educação, mas também não se limitar a estas.

Vale salientar que determinadas ações definidas de forma hierárquica pela secretaria de educação para as escolas muitas vezes “engessam” a prática do professor na sala de aula, pois, burocratizam de certa forma a prática pedagógica que por natureza didática é dinâmica. Barros (2008) alerta que: “na medida em que as redes de ensino são regidas, prioritariamente, com base nos moldes burocráticos, tutelares e regulamentadores, que ignoram a atividade real, fragiliza-se a autonomia do/a trabalhador/a como profissional da educação, o que não significa eliminá-la” (BARROS, 2008, p.82).

A partir desses aspectos acima mencionados, questionava-se como o professor pode cumprir seu papel sem que seja absorvido pela burocracia a que muitas vezes é submetido. Ainda de acordo com Barros (2008) o espaço para o aprendizado do professor que busca não se submeter a trabalhos meramente burocráticos e padronizados é o cotidiano da sala de aula com seus sujeitos. De início aprendi sobre este trabalho real através da professora supervisora, observando-a e dialogando a respeito de meus medos e do cotidiano escolar, conhecemos toda prática docente como se fosse a “sombra” da professora, pois acompanhava todos seus passos, desde os planejamentos a efetivação da aula em si. Sobre esse aspecto me reporto mais uma vez a Barros (2008) que afirma:

A atividade do/a professor/a não se reduz, portanto, a situações dadas, estabilizadas, produto e processo não se identificam. É no âmbito do diálogo e da confrontação que o real do trabalho é apreendido, pois é expressão da relação com os outros, consigo mesmo e com a matéria do trabalho. São saberes não reconhecidos formalmente, estão para além dos “saberes tácitos” e não se limitam à divergência em relação a situações habituais (BARROS, 2008, p. 84).

Foram justamente, os “saberes experienciais”, no dizer de Tardif (2002), da professora supervisora que me orientou no sentido de buscar planejar ações que levassem em conta o que é definido pela Secretaria de Educação, mas que não se limitassem a tais definições. Desse modo, a professora orientou que a partir das temáticas definidas pela secretária as ações didáticas a serem desenvolvidas naquele período letivo iriam ser planejadas. Elaborei juntamente com outras pibidianas o Projeto Didático “**Despertar, aprender, interpretar, criar: A partir dos Gêneros Textuais**”, que seria desenvolvido junto à turma e, a partir do mesmo, definimos que trabalharíamos através da organização de sequências didáticas. Vale salientar que o processo de intervenção didática do PIBID na escola teve como referência o

Plano de Trabalho do subprojeto PIBID/Pedagogia, orientado pela professora da Universidade, coordenadora do referido subprojeto.

Trabalhar com sequências didáticas exige mais do professor, porém, é algo extremamente enriquecedor, pois contribui para a organização de um processo de planejamento mais detalhado e dinâmico facilitando assim o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. Quando pensamos em produzir uma sequência didática temos um objetivo em mente que é o desenvolvimento da aprendizagem significativa dos alunos, por isso ela é pensada de acordo com o nível de aprendizagem dos mesmos.

Como no ano de 2017 foi realizada a Prova Brasil que é um instrumento de avaliação de larga escala desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC), cujo objetivo é: “avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos” (BRASIL, 2018), os focos das ações seriam na leitura, escrita e interpretação de texto. No primeiro semestre de 2017 foram trabalhados em Língua Portuguesa diversos gêneros textuais a partir do uso de estratégias didáticas inovadoras, buscando sempre desenvolver atividades lúdicas e criativas que envolvessem os alunos. Neste sentido, foram planejadas e postas em práticas variadas estratégias didáticas, tais como: rodas de leitura, projeção de filmes, dramatização e teatro, sarau literário, recital, pesquisas, etc.

Conforme já destacado, a intervenção pedagógica desenvolvida através do PIBID não pode ser desvinculada do que é definido a priori pela escola. Assim, no que se refere aos conteúdos do 5º ano, procurou-se atender os chamados descritores da Prova Brasil. De acordo com Wanessa (2013) os descritores são:

O descritor é o detalhamento de uma habilidade cognitiva (em termos de grau de complexidade), que está sempre associada a um conteúdo que o estudante deve dominar na etapa de ensino em análise. Esses descritores são expressos da forma mais detalhada possível, permitindo-se a mensuração por meio de aspectos que podem ser observados. Cada tópico (Língua Portuguesa) ou tema (Matemática) reúne um grupo de descritores que visa à avaliação de diferentes competências do estudante (WANESSA, 2013, p.1).

Vale salientar que a professora supervisora tinha sempre a preocupação de planejar as ações a partir de uma perspectiva interdisciplinar, proporcionando as “pibidianas” a aprendizagem prática do que é interdisciplinaridade, suas possibilidades e desafios de efetivação concreta das ações. Um aprendizado importante que ficou para as “pibidianas” foi o fato de que trabalhar a partir de uma perspectiva interdisciplinar exige estudo, planejamento

dos conteúdos e definição clara das estratégias didáticas a serem utilizadas e formas adequadas de avaliação da aprendizagem dos alunos.

Se no primeiro semestre de 2017 o foco foi língua portuguesa, no segundo foi focalizado o ensino-aprendizagem da matemática. Tal definição de trabalho foi resultado de um processo de avaliação junto aos alunos sobre a aprendizagem da matemática através da qual se diagnosticou que uma das maiores dificuldades estava relacionada a compreender os conteúdos matemáticos a partir de situações problemas.

Registro aqui que sempre tive muita dificuldade em matemática, por isso, tinha muito medo de não saber como ensinar matemática para as crianças. Como tinha dificuldade com o conteúdo, certamente teria dificuldade com a forma. Esse receio me instigou a estudar mais sobre essa área de conhecimento e solicitar maiores orientações da professora supervisora. No meu entender, um grande problema no ensino da matemática é o fato de que por o professor não dominar bem os conteúdos, tem dificuldades de lançar mão de estratégias didáticas inovadoras, assim, termina se apegando ao ensino de regras e cálculos matemáticos de maneira descontextualizada.

Além do aprendizado de iniciação à docência, participar do PIBID me ajudou também a interagir e participar de eventos acadêmicos, através dos quais podemos apresentar trabalhos, produzir artigos e socializar nossa experiência no PIBID. Desse modo, participar deste programa reafirmou a minha escolha pela docência, hoje vejo que posso fazer diferença na educação, pois, posso trabalhar visando oportunizar uma educação de qualidade para os educandos.

4.3- IMPACTOS DO PIBID NO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS

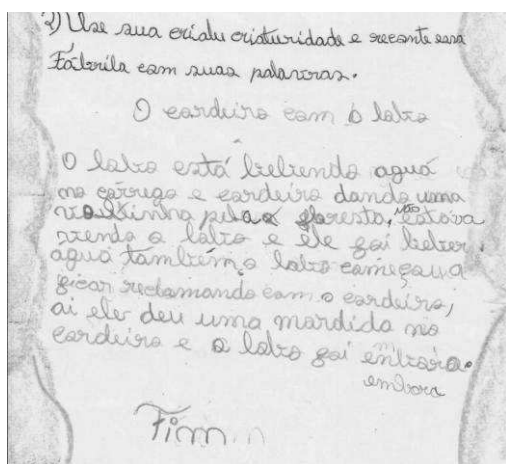
No que se refere ao desenvolvimento dos alunos da turma do 5º do Ensino Fundamental, apresentarei alguns trabalhos realizados pelos mesmos, trabalhos esses, escolhidos de forma aleatória. Um dos trabalhos focaliza a reescrita da fábula “O lobo e o cordeiro” (de La Fontaine, versão adaptada por Keyla Pinheiro) que foi apresentada tanto em forma de teatro como lida em sala, a outra atividade² foi um texto livre no qual os alunos descreveram as suas impressões sobre as atividades do PIBID desenvolvidas na escola. Essa atividade foi direcionada a partir das seguintes questões: O que você gosta no PIBID? Você

² Essa atividade resultou no artigo “PIBID: Um olhar reflexivo sobre as impressões a respeito do programa para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental”, produzido pelo grupo de pibianas da EMEF Rivanildo Arcoverde e apresentado no IV Congresso Nacional de Educação (CONEDU) no ano de 2017.

acha esse tipo de atividade importante para escola e para os alunos? O que você mais gostou nas ações do PIBID na sua turma?

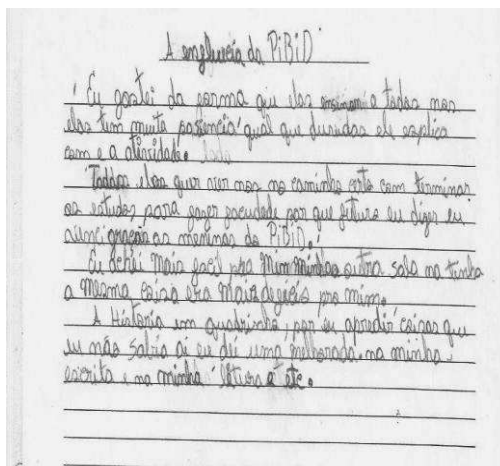
Embora a turma fosse composta por vinte e um (21) alunos apresentarei no presente trabalho, atividades de nove (09) alunos, visto que, os demais se encontram em níveis de aprendizagem semelhantes. Na reescrita da fábula “O lobo e o cordeiro” algumas crianças usaram sua imaginação para modificar os nomes dos personagens e a história para recontar a fábula, mas a mudança preserva a essência da fábula. A seguir algumas das atividades desenvolvidas pelos alunos, tanto a da reescrita da fábula, quanto os registros sobre as impressões acerca do PIBID na escola, no que diz respeito às atividades do aluno A³:

Figura 1



Reescrita da fábula

Figura 2

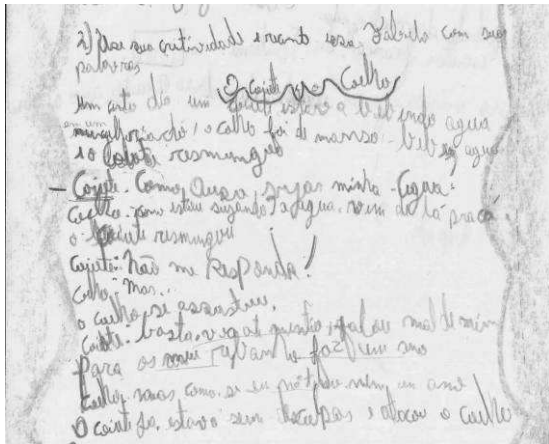


Impressões sobre o PIBID

Pode-se perceber que o aluno não realizou sua escrita de acordo com a estrutura necessária para a escrita de uma fábula, mesmo tendo estudado sobre o que seria a fábula, qual a estrutura que uma fábula possui e quais suas características antes da sua reescrita, sendo assim ele não compreendeu como deveria organizar sua escrita, não utilizou a pontuação necessária para a compreensão do texto, é como se ele apresentasse suas ideias de forma aleatória, sem uma estrutura específica, mas realizando a comparação com sua segunda produção textual percebe-se um avanço na estrutura do seu texto, embora haja problemas na sua ortografia e pontuação, os mesmos não comprometem o entendimento do seu texto, é preciso lembrar que a escrita é um processo e à medida que realizamos vamos nos aperfeiçoando, desta forma podemos concluir que em um futuro breve sua escrita estará de acordo com a norma padrão de escrita. Dando prosseguimento as apresentações das atividades, serão mostradas as referentes à aluna B:

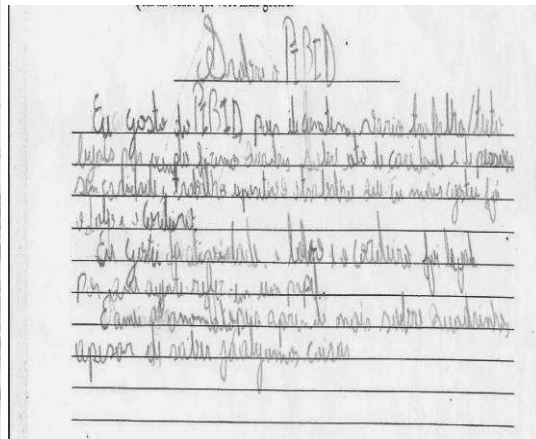
³ As reescritas das atividades dos alunos estarão nos anexos para melhor visualização.

Figura 3



Reescrita da fábula

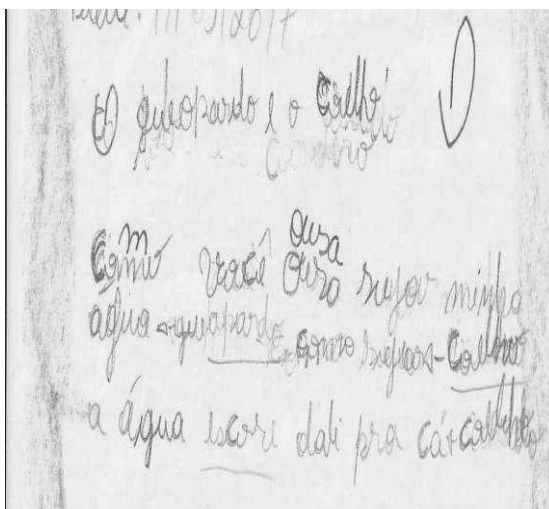
Figura 4



Impressões sobre o PIBID

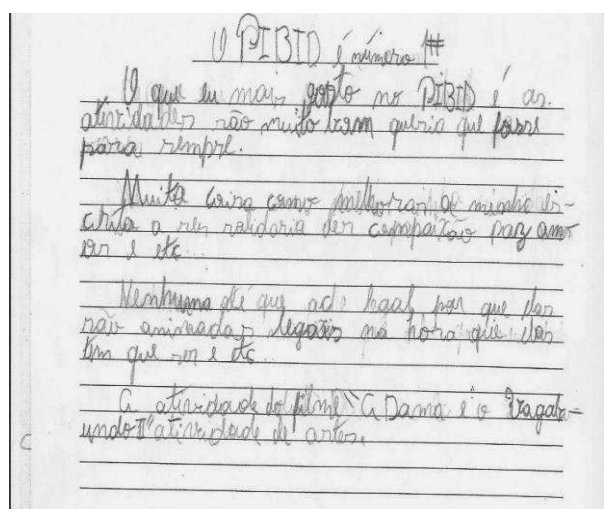
Essa aluna usou da criatividade para modificar os personagens da fábula, soube estruturar o texto da forma como foi orientada nas aulas a respeito deste gênero textual e não possui erros ortográficos graves que precisou de uma intervenção maior, pois sua escrita está bem desenvolvida, porém seu texto não está organizado de forma que é possível entender sua escrita, isto pode ser derivado da sua letra que é de difícil compreensão, mas podemos perceber um avanço na sua organização e na compreensão da sua letra na produção referente ao PIBID, sua letra está mais legível e a mesma passa a por um espaçamento maior entre as palavras e este aspecto é importante para que seu texto passe a ser compreensivo. No que diz respeito à aluna C, pode-se observar a seguir um avanço na sua produção:

Figura 5



Reescrita da fábula

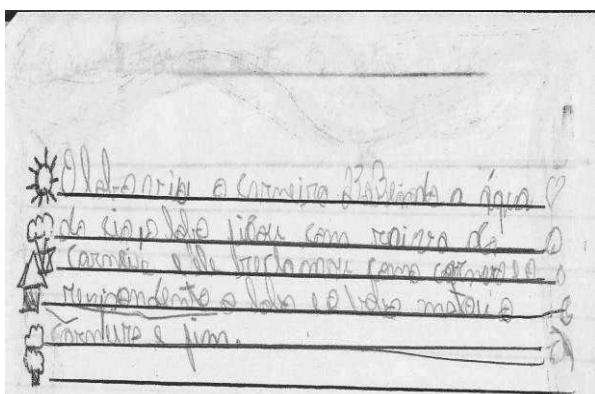
Figura 6



Impressões sobre o PIBID

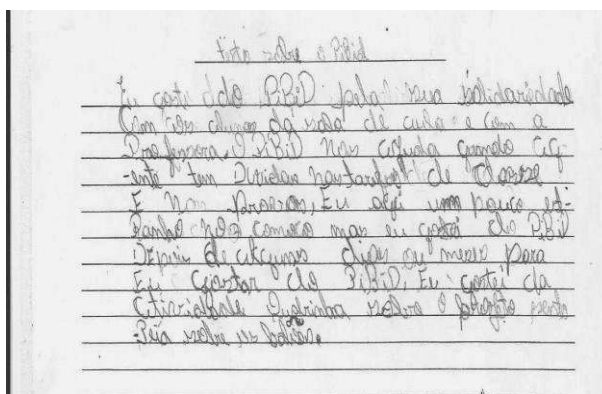
Percebe-se que a aluna não domina a estrutura para produção de uma fábula, que deixou suas ideias soltas e não conseguiu produzir mais do que três linhas, o conteúdo do seu texto é o mesmo da fábula original, a mesma trocou apenas os nomes dos personagens, sua letra é legível e na sua produção há erros ortográficos, mas que podemos dizer que são “normais”, pois a mesma encontra-se em processo de desenvolvimento da sua escrita, já podemos vê um avanço no que se refere à organização estrutural na segunda produção, embora tenha realizado de forma sucinta cada quesito da produção é notório que ela se esforçou para organizar seu texto para que ficasse compreensivo, procurou rever sua escrita para que não houvesse erros ortográficos e buscou escrever o máximo que conseguia, e em comparação a sua primeira produção vemos um grande avanço. As produções do aluno D mostra um retrocesso no que diz respeito à estrutura do texto, é perceptível notar a partir da análise da figura 7 e 8:

Figura 7



Reescrita da fábula

Figura 8

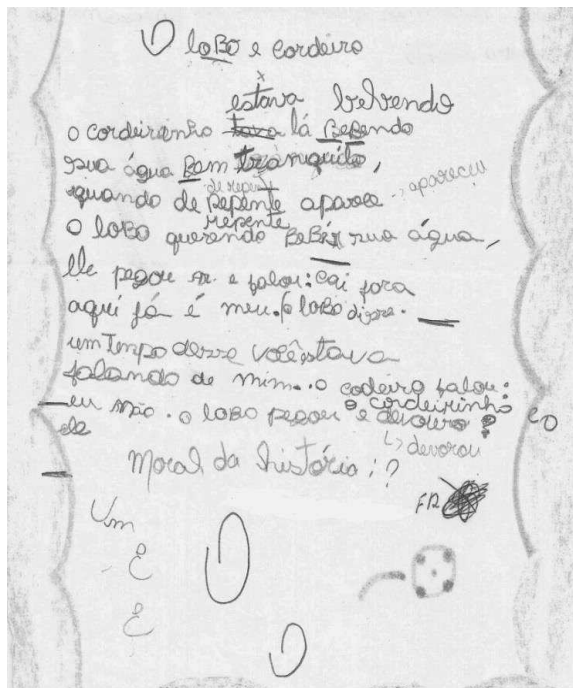


Impressões sobre o PIBID

Esse aluno fez uma síntese do conteúdo da fábula original, sem a estrutura necessária, percebe-se que não há muitos erros ortográficos, mas faltam sinais de pontuação para dar sentido ao seu texto, é como se ele tivesse escrito de uma vez só, sem pausas, mas o mesmo se preocupou em organizar a folha antes de começar a sua produção, na sua segunda produção o aluno não mostrou domínio a respeito da disposição de um texto, tomando, por exemplo, o espaçamento para o parágrafo, começa sua escrita desde o início da linha, aspectos que ele procurou realizar na sua primeira produção, então seria um retrocesso referente à estrutura, mas sua letra se tornou mais legível, passou a utilizar a pontuação necessária para o entendimento da produção textual e procurou desenvolver sua escrita no quesito da quantidade de linhas escritas, então espera-se que este aluno possa se desenvolver cada vez

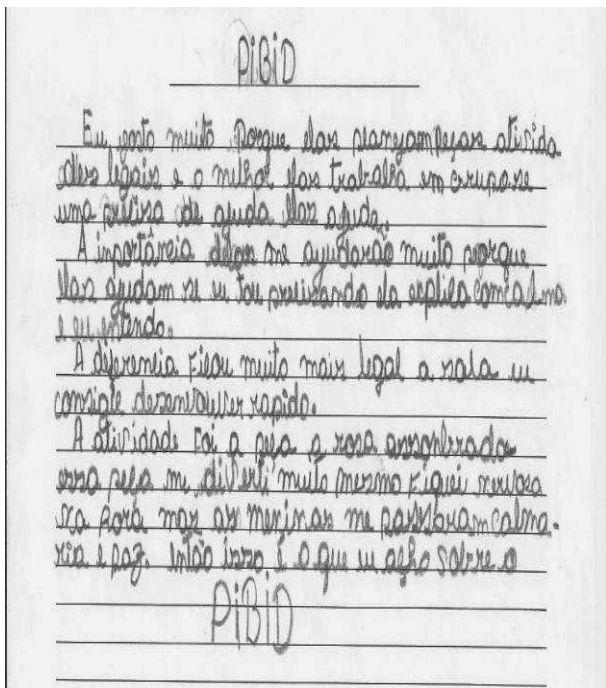
A aluna usou da sua criatividade para reelaborar o texto da fábula original, sua letra é legível, porém encontramos bastantes erros ortográficos e a mesma não utilizou pontuação, então é como se todo seu texto fosse um único pensamento, ela não soube coloca-lo na estrutura necessária em que uma fábula é escrita e há momentos que não é possível compreender o que a aluna expos, na sua segunda produção pode-se compreender tudo o que ela quis passar com sua escrita, porém a mesma continua sem utilizar as pontuações, seus erros ortográficos diminuíram mostrando que houve sim um desenvolvimento, esta aluna em particular surpreendeu pela espontaneidade da sua escrita, ela ainda tem muito a avançar, mas com um pouco de esforço da sua parte ela conseguirá atingir a norma padrão de escrita. No que se refere ao desenvolvimento da aluna G pode-se constatar que foi bastante satisfatório, conforme as figuras 13 e 14:

Figura 13



Reescrita da fábula

Figura 14

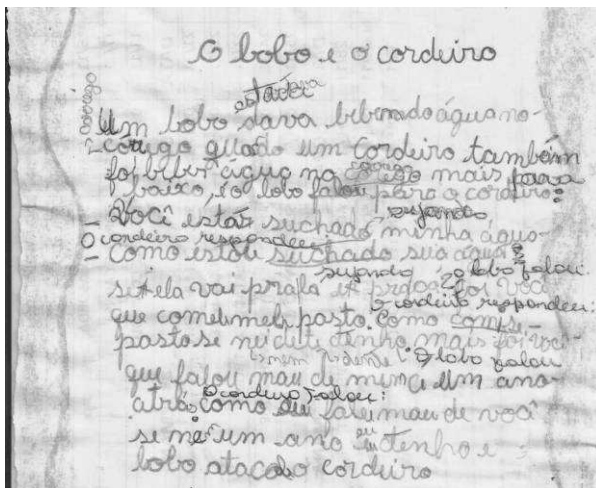


Impressões sobre o PIBID

A aluna não soube onde colocar elementos estruturais da fábula, como o travessão (-), embora ela saiba a pontuação a serem usadas, as regras essenciais para a produção, à mesma não soube ordena-las na sua escrita, os erros ortográficos são poucos e se refere mais ao esquecimento de alguma letra em palavras específicas, há certa confusão com as letras cursivas maiúsculas, mas sua caligrafia é legível e embora ela tenha transcrito a fábula original, tentou ser a mais coerente e fiel ao texto, na sua segunda produção vemos uma

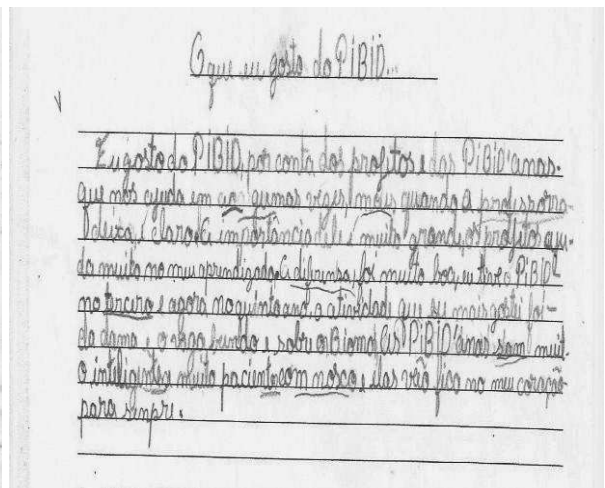
organização e caligrafia extremamente organizada, seu texto mostra com clareza as ideias que a aluna gostaria de transmitir, embora haja a falta de algumas pontuações e alguns erros ortográficos é notório o seu desenvolvimento, seu resultado foi bastante satisfatório. As produções do aluno H mostram que no período entre uma atividade e outra houve um desenvolvimento positivo, isto pode ser constatado mediante a observação das figuras 15 e 16:

Figura 15



Reescrita da fábula

Figura 16



Impressões sobre o PIBID

É possível perceber bastantes erros ortográficos em sua primeira produção, ele não fez uso das pontuações e não mostrou domínio referente à estrutura de uma fábula, há momentos que na leitura não é possível compreender o que o aluno quis expor no seu texto, o mesmo não realizou uma reescrita, mas transcreveu a fábula original, na segunda produção é possível notar um avanço na pontuação e na sua grafia, a letra é legível, o texto organizado e pontuado, suas ideias foram colocadas de forma clara, mas ainda há erros ortográficos, porém bem menos do que na primeira produção, mostrando que o mesmo desenvolveu bastante em cinco meses destinados ao trabalho de leitura e escrita. Para finalizar as análises das atividades serão apresentadas as produções da aluna I:

Figura 17

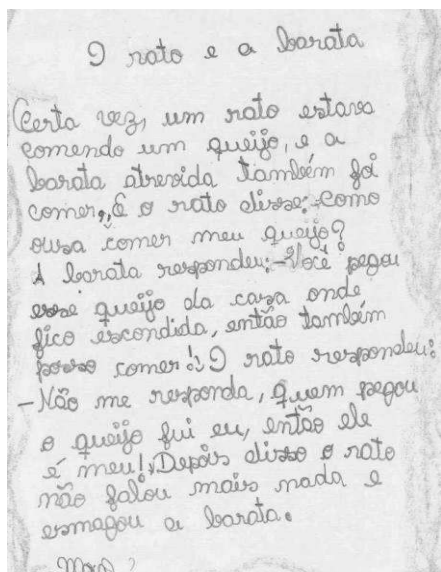
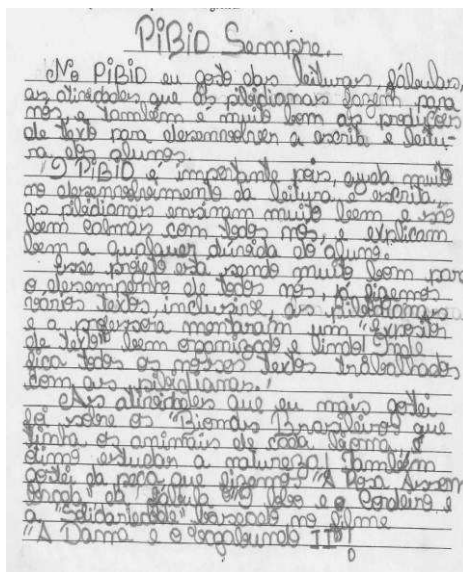


Figura 18



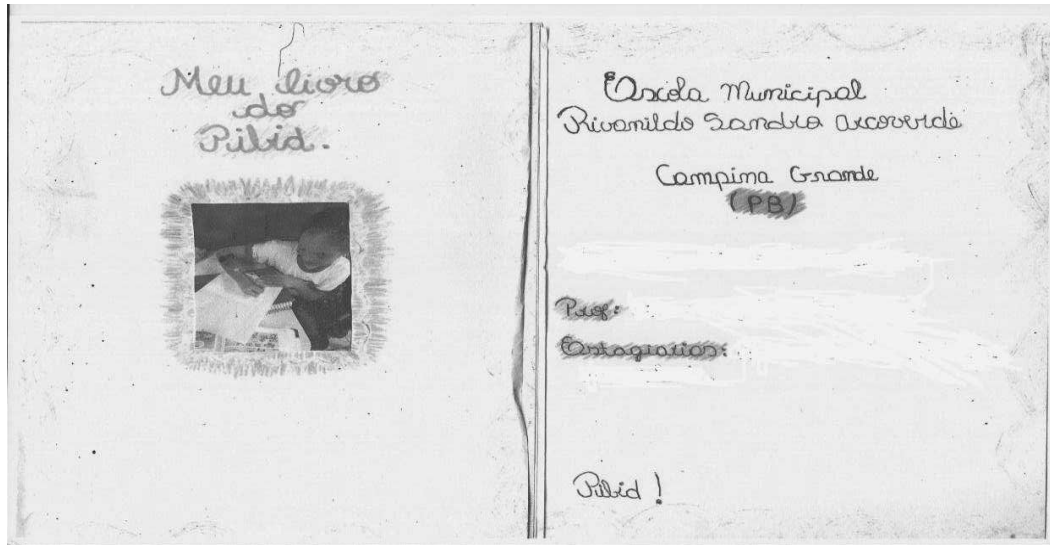
Reescrita da fábula

Esta aluna se encontra com um bom nível de escrita, em sua primeira produção ela reescreveu a fábula como foi proposto, não há indícios de erros ortográficos, utilizou as pontuações adequadas, porém existe erro na estruturação do texto, problemas com espaçamento, nada que atrapalhe o sentido do seu texto, em sua segunda produção ela expõe suas ideias de forma clara e bastante organizada, utiliza as pontuações corretamente, procurou preencher todas as linhas com um texto estruturado de forma adequada, então vemos que ela não retrocedeu, mas avançou em sua escrita, mostrando que o que foi trabalhado referente à leitura e escrita foi interiorizado.

Impressões sobre o PIBID

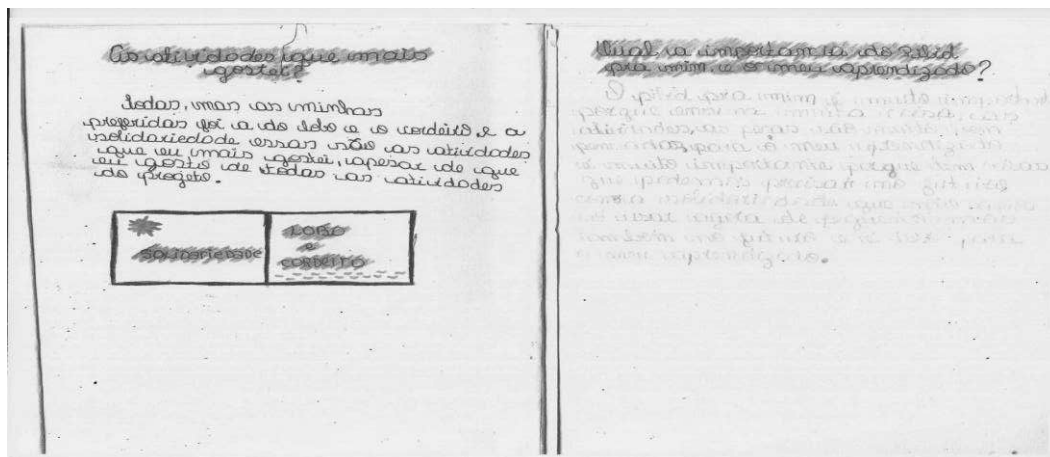
Ao final das atividades do PIBID na EMEF Rivanildo Arcoverde foi organizado um livro com textos produzidos pelos alunos sobre os significados atribuídos pelos mesmos às ações do PIBID na escola. A ideia de "produção do livro" surgiu a partir da iniciativa de uma aluna que nos comunicou que estava escrevendo "um livro sobre o PIBID na sua escola". Tal iniciativa foi uma surpresa para a professora e para as "pibidianas", assim, o sentimento ao ler tal produção foi de reconhecimento e dever cumprido, foi de que aprendemos muito e ensinamos também. Assim, a partir da iniciativa da aluna incentivamos os demais alunos para registrarem suas impressões sobre o PIBID. Será apresentado a seguir, parte do texto produzido pela aluna, identificada pela letra "J". Como a maior parte do texto foi escrito com lápis grafite o que torna a visualização e leitura difíceis, o texto foi digitalizado e publicado junto à imagem, conforme o que se segue:

Figura 19



Livro produzido pela aluna J

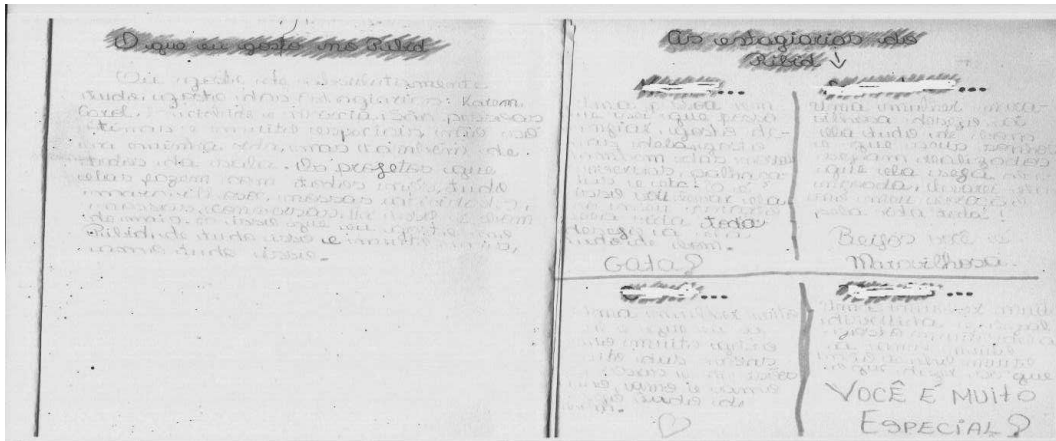
Figura 20



Livro produzido pela aluna J

“O pibid pra mim é muito importante porque ensina muita coisa, as atividades, as peças são muito bem pensadas, para meu aprendizado é muito importante porque tem coisas que podemos precisar no futuro, como a solidariedade que não vamos só usar agora de pequeno, mas também no futuro e é isso para meu aprendizado”.

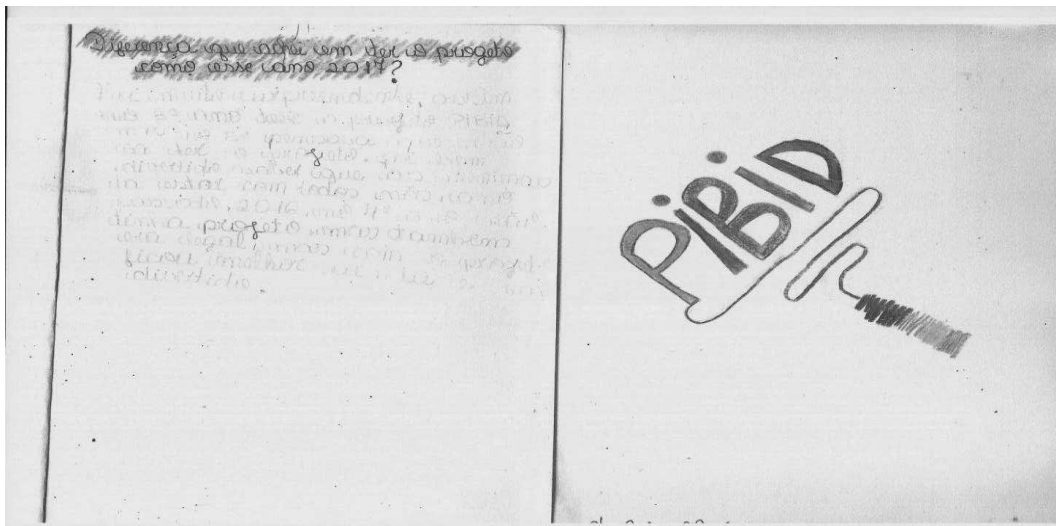
Figura 21



Livro produzido pela aluna J

“Eu gosto de absolutamente tudo, gosto das Estagiárias: K, L, M e N, são pessoas ótimas e muito especiais, não só na minha vida, mas também de todos da sala. Os projetos que elas fazem com todos nós, tudo maravilhoso, nossas atividades, nossas conversas, há, isso é bom demais. É isso que eu gosto no Pibid, de tudo isso e muito mais, amo tudo isso”. Em seu registro, a aluna mostra que a afetividade também é um aspecto importante para o desenvolvimento do aluno.

Figura 22



Livro produzido pela aluna J

“Foi muito surpreendente, assim no 3º ano teve o projeto PIBID, mas no 5º ano pensava que não ter o projeto, foi bem divertido saber que as meninas ia estar com todos nós, ano passado, 2016, no meu 4º ano não tinha projeto, mas também era legal, mas com o projeto ficou melhor ainda e mais divertido”.

É nítido que o PIBID contribuiu com o processo de ensino-aprendizagem nas escolas e mais especificamente, com o desenvolvimento dos alunos na leitura e na escrita. O PIBID contribuiu com a realização de estratégias didáticas inovadoras na escola, seja na realização de atividades relacionadas ao ensino da leitura e da escrita, seja nas atividades lúdicas através das mais variadas ações como: dramatizações, peças de teatro, rodas de leitura, sarau poético, etc.

4.4 – IMPRESSÕES DA PROFESSORA SUPERVISORA

Entendo que analisar a importância do PIBID para repensar da formação inicial de professores, a partir das suas contribuições para a escola básica, impõe como necessidade, ouvir um dos sujeitos mais importantes nesse processo que é a professora supervisora que é quem faz a “ponte” entre escola e universidade. Partindo dessa compreensão, busquei saber da professora supervisora da EMEF Rivanildo Sandro Arcoverde que avaliação ela faz sobre a importância do PIBID para o desenvolvimento da escola e para a formação de futuros professores. A professora Rose leciona no ensino fundamental há 20 anos, é graduada em Pedagogia e Letras, com especialização em Formação do Professor pela UEPB e em Atendimento Educacional Especializado (AEE) pela UFC na modalidade de Educação a Distância (EaD). Atuou como supervisora do PIBID na referida escola durante o período de 2014 a 2018.

Buscamos saber da professora que avaliação ela faz do PIBID tendo como referência a sua experiência no referido programa durante o período acima citado, e a mesma mostra que: *“Como professora supervisora do PIBID eu vi esse programa como uma revolução na educação brasileira, porque se há incentivo para melhorar a educação básica, certamente se eleva a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura e assim há uma integração real entre a educação superior e a educação básica e os licenciados podem apropriar-se do conhecimento acadêmico com uma base sólida da realidade das escolas públicas. Com a vivência dos licenciados eles podem se sentir motivados para criarem possibilidades de inúmeras metodologias e práticas docentes bastante inovadoras e assim podem superar problemáticas identificadas no processo de ensino e aprendizagem que dependerá da articulação entre os licenciados e o professor supervisor que, particularmente preferia chamar de professor articulador”*.

Para a professora, o PIBID é um programa de extrema importância tanto para os licenciandos, quanto para as escolas parceiras, visto que é possível uma maior relação entre

universidade e escola básica que resultam na melhoria da qualidade da educação em geral. Ou seja, pode-se notar que este programa vem para somar nas escolas, pois é uma oportunidade de aperfeiçoamento e desenvolvimento educacional, desta forma apesar dos problemas enfrentados pelas escolas públicas, aquelas que têm a oportunidade de ter o PIBID como parceiro enxerga o ensejo de solucionar alguns problemas mediante a parceria entre escola e universidade, pois através das teorias vistas no âmbito acadêmico e da prática na educação pode-se pensar alternativas que viabilizem uma educação de qualidade para os educandos.

Em relação à aprendizagem dos alunos da escola, a professora afirma que: *“Os impactos do PIBID na escola foi o que posso chamar de um fenômeno motivador e inovador porque as bolsistas sempre realizaram as atividades que prendiam a atenção dos alunos, auxiliaram com muita responsabilidade na ampliação de leitura dos alunos com pouca fluência e ministraram estratégias de reforço para quem ainda não dominavam o código da língua escrita, com material reciclado, a exemplo de organizar as sílabas com tampas de garrafa pet. Fizeram também um excelente trabalho em dramatizar contos e lendas, como também organizar os alunos para apresentação de contos no pátio da escola, com roteiros e acessórios confeccionados pela as mesmas que sempre fez um enorme sucesso entre os outros escolares das outras turmas. Já sinto saudades! Agora tenho que fazer só, era divertido planejar e montar os roteiros para as dramatizações”*.

O relato da professora destaca a importância do PIBID no desenvolvimento de atividades pedagógicas diferenciadas na escola, a partir da construção conjunta da professora com as bolsistas, de estratégias didáticas inovadoras que buscavam maior interação dos alunos e a consequente melhoria na aprendizagem dos mesmos.

Neste sentido, a seu ver, o PIBID contribuiu tanto para a formação inicial dos licenciandos, como se configurou como uma formação continuada para os professores da educação básica, visto que tal experiência proporcionou a mesma um crescimento individual e profissional, nas palavras da professora: *“A contribuição do PIBID para a minha formação foi de refletir que devo continuar acreditando no que sempre foi o meu combustível de sobrevivência na educação e de que os desafios são vários, mas que devemos sempre acreditar na boa vontade de realizar os processos pedagógicos com base em conhecimentos e firmeza na esperança e acima de tudo com paciência e a certeza de que pode haver a mudança na melhora da aprendizagem dos escolares que por nós possam passar. E eu senti nessa última turma de bolsistas que elas viveram isso tão intensamente que superam todas as minhas expectativas estou só aguardando o resultado da proficiência da escola ao que refere a Matemática já que a ideia da Mathemoteca foi um projeto inovador que foi sugerido e*

todas foram além do que se esperava. Como eu fiquei nesse programa desde 2014 eu me senti realizada porque estava prestes a completar vinte anos de trabalho como professora e sempre busquei inovar e com as inovações trazidas pelas bolsistas PIBID fui motivada pelas bolsistas para publicar trabalho acadêmico e pude sentir um reconhecimento do trabalho por parte das bolsistas, então me senti como se tivesse me renovando como profissional e que comecei a galgar outro caminho que era na produção acadêmica mais efetivamente”.

Por meio deste relato nota-se que a professora se refez enquanto docente, tanto dentro da sala de aula, como na sua ação noutros espaços, notadamente nos eventos acadêmicos que tem se configurado como espaços de formação continuada. Essa formação continuada se relaciona aos saberes destacados por Tardif (2002), como os saberes adquiridos por meio das experiências em sala de aula e pela busca de um conhecimento aprofundado que seria os saberes da formação profissional, saberes estes que são construídos durante toda a carreira profissional, ou seja, não é algo adquirido em um curto período de tempo.

Evidentemente que no desenvolvimento de um projeto como o PIBID muitas dificuldades e desafios foram encontradas no decorrer do processo, tanto no que se refere à manutenção do próprio projeto, quanto no aspecto pedagógico do lidar com os processos formativos dos licenciandos, e com respeito a isto o relato a seguir mostra que através dos planejamentos as dificuldades eram sanadas: *“Sobre as dificuldades, posso considerar pouco relevantes. Em linhas gerais realizávamos os planejamentos com os planos de ação das atividades que eram sempre definidas de acordo com os eixos temáticos definidos pela secretaria de educação do município, e em consonância com o plano de trabalho do Pibid. Todas as bolsistas realizavam as atividades na maioria das vezes nas datas marcadas, as poucas vezes que foi mudado, foi para atender a demanda dos testes solicitados pela secretaria de educação para avaliar o empenho dos alunos para terem uma amostragem para o perfil da escola para a Prova a Brasil, logo em seguida retomava-se e aplicava a atividade sugerida no plano de ação. Nos planejamentos se procurou tirar dúvidas sobre alguns conceitos, sobre as aplicações das atividades que atendessem o trabalho com gênero textual numa perspectiva interdisciplinar. No início surgiam algumas dificuldades e dúvidas das pibidianas de como trabalhar com gênero textual a partir do uso de sequências didáticas, pois, tudo era muito novo para elas, porém, com a realização de planejamento e orientação das ações, tais dificuldades eram superadas”.*

Assim, as dificuldades apresentadas são inerentes ao fazer pedagógico cotidiano dos professores que buscam melhorar suas práticas pedagógicas. Evidentemente que a professora supervisora além de lidar como processo de aprendizagem dos seus alunos tinha a

incumbência de lidar com o processo de aprendizagem docente das pibidianas e isso não era algo simples, pois exigia a realização de estudos e planejamentos constantes da prática pedagógica e a orientação sobre o fazer pedagógico das pibidianas.

Avaliar o desenvolvimento das bolsistas é importante para saber se as mesmas desenvolveram uma prática que condiz com as orientações e objetivos que foram propostos para o programa. Assim, de acordo com a professora Rose: *“As mudanças das bolsistas 2016/2018 foram surpreendentes, porque algumas eram muito ansiosas (queriam ministrar aula logo), outras tinham muito medo, visto que nunca tinham ministrado aula e também aquelas que se sentiam bloqueadas ao ponto de afirmarem que nunca conseguiriam assumir uma sala de aula. Então com as reuniões para planejar se montou projetos e com os planos de ação que se iniciou desde uma participação de uma leitura diária, a confeccionar um cartaz, já se fazia parte do processo de atividades pedagógicas, então todas foram inseridas gradativamente até o momento que se sentissem segura para ministrar uma aula com conteúdo na perspectiva interdisciplinar. Como eu havia organizado uma sequência didática para o letramento matemático por causa da proficiência do quinto ano que apresentou um pouco baixa na Prova Brasil de 2015 solicitei que agora era necessário darmos ênfase a compreensão de aspectos matemáticos. Todas organizaram as sequências com tabelas e gráficos e os sólidos geométricos e as atividades aplicadas foram expostas no painel da “Mathemoteca” confeccionados pelo conjunto das bolsistas sob minha orientação. Percebi que esse grupo se dedicou com muita boa vontade e por isso que deu tudo certo. O nosso último plano de ação foi para o Sarau Poético, todas desenvolveram o que foi combinado com muita responsabilidade e eu fiquei muito grata pelos os escolares e as famílias que ficaram encantados”*.

Neste relato pode-se perceber algo comum nos cursos de graduação, a ansiedade em ministrar aula e o medo de não conseguir compartilhar o conhecimento, ou trabalhar de forma adequada com os alunos e para as bolsistas que temiam ou partilhavam destes sentimentos puderam trabalhar em si e desenvolver um trabalho adequado, percebendo que podem ser e estão se formando como profissional que coloca os problemas e medos de lado e desenvolve um trabalho positivo dentro da sala de aula.

Para que o trabalho fosse realizado com êxito foi necessária uma convivência harmoniosa do grupo, convivência essa que exigia respeito, ética e companheirismo, conforme destacado pela professora em seu relato: *“No que refere a Ética quero discorrer antes que é um tema bastante amplo é que penso que todas nós estamos em processo de aprendizagem e que muitas vezes algumas atitudes que se podem dizer não éticas foi por falta*

até de maturidade. Houve um momento de uma bolsista referir que não estava havendo reunião em outra escola como no Rivanildo de uma forma que a meu ver, era como a supervisora estivesse ultrapassando o horário, então foi organizado pela professora supervisora material que estudamos e foi promovida uma roda de diálogo sobre o que era o programa e como era distribuído o tempo. E uma reflexão sobre os pilares da educação que inclusive já se havia estudado na universidade, entretanto ainda se precisava de tempo para apropriação do estudo. Então foi necessário referir que voltássemos para a dinâmica da Escola Rivanildo e que se estava procurando seguir as orientações da professora/coordenadora do projeto da universidade. Houve também momentos de conflitos no que se refere à realização de determinadas ações e também pelo fato de algumas alunas estarem no último ano do curso, o que exigia das mesmas a produção do TCC. Entretanto, mesmo com todos os desafios e dificuldades, em 2017 participamos do ENID e do CONEDU apresentando as experiências do PIBID desenvolvidas na escola. Acrescento aqui que em campo de trabalho precisamos ter o jogo de cintura para evitar conflitos desagradáveis e esperarmos o momento de dialogarmos porque a prioridade é darmos conta da nossa responsabilidade, para isso precisamos desenvolver aspectos diplomáticos, para, não sairmos do foco do nosso bom empenho profissional”.

Nas relações humanas é natural que conflitos surjam, pois pessoas pensam e agem diferentes de outras e por vezes isto causa um conflito, e através dele o grupo pode amadurecer e fortalecer sua relação, é preciso apenas resolvê-lo da melhor maneira, e o diálogo é uma arma poderosa para solucionar os conflitos, pois através dele expomos as nossas diferenças e podemos trabalhar em cima do respeito para com o outro. No curso de pedagogia pagamos uma disciplina voltada para ética e lá aprendemos que é preciso uma boa convivência com as pessoas que trabalhamos, para que o que foi planejado possa acontecer sem nenhum problema relacionado à convivência de pessoas, e através disto aprendemos que trabalhar em grupo facilita o nosso trabalho e estreita as relações pessoais, aspecto tão importante para o funcionamento de uma instituição de ensino, pois só assim podemos ajudar e compreender o outro.

A experiência no/do PIBID me deu a certeza de que programas como esse são de extrema importância para a melhoria da formação inicial do professor. Assim, é notório que o graduando que tem a possibilidade de participar de um programa como o PIBID participa de uma formação mais sólida, pois, está enfrentando os desafios da sala de aula durante todo ano letivo, adquirindo experiências que apenas no âmbito acadêmico não iria obter.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formar um docente com qualidade constitui-se ainda hoje como um grande desafio para os cursos de licenciatura, pois, entre outros aspectos, a atração de profissionais para o ingresso na carreira docente é um dos primeiros entraves para a formação inicial no país, seja pelas condições de trabalho, seja por dois outros itens importantes, como salário e carreira docente. Conforme Marina Lopes (2015, *Apud* GATTI⁴, p.1) “Nosso grande problema é fazer uma espécie de revolução na formação de professores”. A pesquisadora continua relatando sobre as estruturas das licenciaturas, no qual não estão adequadas para formar o professor. “Elas não formam bem nem no conhecimento específico e nem nas didáticas e práticas de ensino necessárias para uma atuação nas escolas”.

Conforme já mencionado, o PIBID foi estruturado justamente, na perspectiva de superar alguns dos desafios enfrentados no processo de formação docente, principalmente no que se refere à aproximação teoria-prática, universidade-escola básica. Desse modo, a partir da minha experiência como bolsista no PIBID posso afirmar que esse programa proporciona para aqueles envolvidos uma formação com mais qualidade devido à prática da sala de aula, ou seja, a formação não é baseada apenas com as teorias vistas no âmbito acadêmico, às experiências adquiridas e vivências no cotidiano da escola básica nos dá o *feedback* para melhor compreensão das teorias estudadas nos cursos de licenciatura.

A formação oferecida nas universidades não supre a necessidade formativa dos licenciandos, pois lhes falta os conhecimentos que só a experiência prática pode oferecer, por isso, programas como o PIBID é de extrema importância para o processo de formação profissional do futuro docente, já que a teoria é vivenciada através da prática e esta oferece elementos para compreensão da teoria. O papel desenvolvido pela figura do professor supervisor é de extrema importância, pois é este que orientará o pibidiano acerca do fazer pedagógico na sala de aula.

Compreendo o PIBID como um programa importante para todos os envolvidos, tanto para o bolsista que através dele tem um contato direto com a sala de aula, possibilitando um envolvimento em todas as atividades educacionais, como para as professoras supervisoras que podem refletir sobre sua prática e renovar seu conhecimento a partir do diálogo e da troca de saberes com alunos bolsistas e para a escola que contará com a contribuição dos alunos

⁴porvir.org/desafios-caminhos-para-formacao-de-professores-brasil/

bolsistas no sentido de buscar a melhoria da aprendizagem dos alunos da educação básica que recebem um reforço no processo de aprendizagem.

Assim, o PIBID propicia um ciclo de formação, tanto para os licenciandos como para os professores da educação básica e da universidade, bem como dos alunos da educação básica. Para os licenciandos ajudando-os na construção da autonomia para realizar a ação docente, visto que, os professores iniciantes são inseguros, precisam de programas e políticas que contribuam com sua formação e capacitação que dê suporte no início de sua carreira, pois para um professor iniciante são muitos os desafios a serem superados e pouca preparação prática para tal. Para os professores da escola básica, o PIBID apresenta-se como formação continuada, pois, no processo de orientação e acompanhamento dos bolsistas, refletem sobre a sua própria prática e repensam ações a partir da troca de saberes com os bolsistas. Para a universidade e escolas propicia uma maior integração e estreitamento da relação entre educação básica e ensino superior, favorecendo uma formação profissional de professores de maior qualidade e uma melhoria da qualidade da educação básica.

O PIBID como definido nos seus objetivos, propicia além da formação inicial dos licenciandos, oferece formação continuada para professores da educação básica, possibilita ainda o ensino, a pesquisa e a extensão para professores da universidade, a partir do estreitamento da relação Universidade e Escola.

Além dos aspectos acima citados, a partir da minha experiência, posso afirmar que em termos financeiros, o acesso à bolsa oferecida pelo programa me deu maior suporte para me dedicar aos estudos e participar de congressos, seminários e encontros acadêmicos, publicações de artigos, compra de materiais para estudo, entre outros aspectos. São atividades como essas que possibilitam a troca de experiência e o conhecimento de pesquisas e trabalhos desenvolvidos por pesquisadores/professores sobre as mais diversas práticas educativas. O PIBID como um programa de iniciação a docência só vem acrescentar na formação do futuro professor. Participar do mesmo só trouxe aspectos positivos a minha formação, principalmente, pelo fato de que temia ser responsável por ministrar aula, ser responsável pela aprendizagem de outras pessoas, mas o contato direto com a sala de aula proporcionado me passou segurança e confiança frente a uma sala de aula.

6- REFERÊNCIAS

AMARAL, Sandra R. Rodrigues do. A formação de professores para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental: permanências e rupturas decorrentes das dinâmicas sociais e da legislação do magistério. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.43, p. 103-117, set. 2011 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista>>.

BARROS, Maria Elisabeth Barros e. Formação de professores/as e os desafios para a (re)invenção da escola. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo** . 2º. ed. São Paulo: Cortez, 2008. cap. 3, p. 68-93. v. 6.

BASTOS, Silvia Regina Karen Ohana Sousa; RODRIGUES, Lucicleide Araújo . **PIBID: um olhar reflexivo sobre as impressões a respeito do programa para alunos do 5º ano do ensino fundamental** . Disponível em: www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos

BRASIL. **Lei 9.394/96**, Brasília-DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm>. Acesso em 07/04/2018.

_____. Ministério da Educação. **PIBID - Apresentação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Programa Novo Mais Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Prova Brasil - Apresentação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>>. Acesso em: 29 abri. 2018.

CAPES/DEB. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Diretoria de Educação Básica Presencial. **PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

_____. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Diretoria de Educação Básica Presencial. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Edital02_PIBID2009.pdf>. Acesso em: 28 de mar. 2018.

CANAN, Sílvia R. CORSETTI, Berenice. A política nacional de formação de professores: o Pibid enquanto espaço de construção da docência. IN: **XVII ENDIPE: A Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores**. Fortaleza: UECE, 11 a 14 de novembro de 2014.

CATANI, Denice Bárbara ; MIRANDA, Hercília Tavares de; MENEZES, Luís Carlos de; FISCHMANN, Roseli(Orgs.). **Universidade, escola e formação de professores** . 2º. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 199 p.

CAVALLI, Mariana B. FERRAZ, Daniela F. Impactos do Pibid acerca do ensino por investigação na visão dos professores supervisores. In. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v.7, n.21, p.151-165, 2016. (ISSN2177-7691). Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/index>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes e necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GATTI, Bernardete A. **A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/76164/79909>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

LOPES, Marina. **Desafios e caminhos para a formação de professores no Brasil**. 2015. Disponível em: <http://porvir.org/desafios-caminhos-para-formacao-de-professores-brasil/>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley Neves. **O PROFESSOR COMO INTELECTUAL ESTRATÉGICO NA DISSEMINAÇÃO DA NOVA PEDAGOGIA DA HEGEMONIA**. 2013. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt05_trabencomendado_lucianeves.pdf>. Acesso em: 31 maio 2018.

QEDU. **Rivanildo Sandro Arcoverde (EMEF)**. Disponível em: http://www.qedu.org.br/escola/79338-emef-rivanildo-sandro-arcoverde/censo-escolar?year=2017&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SANTOS, Maria de Fátima Ribeiro dos ; SANTOS, Saulo Ribeiro dos . **METODOLOGIA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO**. Disponível em: <http://nead.uesc.br/arquivos/pedagogia/metodologia-da-pesquisa-em-educacao-completo.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2018.

SOCZEK, Daniel . **PIBID como Formação de Professores: reflexões e considerações preliminares**. Disponível em: [file:///C:/Users/Teste/Downloads/PIBID%20como%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20Professores_%20reflex%C3%B5es%20e%20considera%C3%A7%C3%B5es%20preliminares%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Teste/Downloads/PIBID%20como%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20Professores_%20reflex%C3%B5es%20e%20considera%C3%A7%C3%B5es%20preliminares%20(1).pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WANESSA, Karla. **DESCRITOR**. Disponível em: <http://karlawanessa.blogspot.com.br/2013/05/descriptor.html>>. Acesso em: 29 abri. 2018.

7- ANEXOS

Transcrição dos registros das atividades dos alunos

Aluno A (reescrita da fábula):

O cordeiro com o lobo

O lobo está bebendo água bebendo no córrego e cordeiro dando uma voltinha pela floresta não estava vendo o lobo e ele foi beber “agua” também, o lobo começou a ficar reclamando com o cordeiro, ai ele deu uma mordida no cordeiro e o lobo foi “embora”.

Aluno A (impressões sobre o PIBID):

A “enfluecia” da PIBID

Eu goste da forma que elas “ensinan” a todas nos elas tem muita “pasiencia” qual que “duvidas” ela explica com a atividade.

Todas elas quer “ver nos” no caminho certo com terminar os estudos para fazer faculdade “par” que futuro eu dizer eu venci graças as meninas do PIBID.

Eu achei mais fácil pra mim minha outra sala na tinha a mesma coisa era mais “deficis” pra mim.

A “historia” em quadrinho, “par eu apredir” coisas que eu não sabia ai eu dei uma melhorada na minha escrita e na minha leitura e etc.

Aluna B (reescrita da fábula):

O coiole e o coelho

Um certo dia um coiole estava bebendo “agua” em um riacho, o coelho foi de manso beber “agua” e o coiole resmungou

- Coiole: como ousa sujar minha “agua”?

Coelho: como estou sujando? A “agua” vem de lá pra cá

Coiole resmungou

Coiole: Não me responda!

Coelho: mas..

O coelho se assustou

Coiote: basta, “vea ate mentio”, falou mal de mim para os meu rebanho faz um ano

Coelho: mas como se eu não tenho nem um ano

O coioote já estava sem desculpas e atacou o coelho

Aluna B (impressões sobre o PIBID):

Sobre o PIBID

Eu gosto do PIBID pois ele “conten” vários trabalhos/texto legais por exemplo “ficemos” “quadris” sobre ato de caridade e de pessoas sem caridade e trabalho expositivo e o trabalho que eu mais gostei foi o lobo e o cordeiro.

Eu gostei da atividade do lobo e o cordeiro foi legal por que agente “refes” em um papel.

E amei a “anomatopeia” aprendi mais sobre quadrinhos apesar de saber já algumas coisas.

Aluna C (reescrita da fábula):

O “gueopardo” e o coelho

Como você ousa sujar minha água ← “gueopardo” como sujar ← coelho a água escore dali pra cá ← coelho

Aluna C (impressões sobre o PIBID):

O PIBID é número 1#

O que eu mais gosto no PIBID é as atividades são muito bom queria que fosse para sempre.

Muita coisa como melhorar a minha escrita a ser solidaria ter compaixão paz amor e etc.

Nenhuma até que ache legal por que elas são animadas legais na hora que elas “tem” que ser e etc.

A atividade do filme “A Dama e o Vagabundo II” atividade de artes.

Aluno D (reescrita da fábula):

O lobo viu o carneiro Bebendo a água do rio, o lobo ficou com raiva do carneiro e ele reclamou com o carneiro e o respondendo o lobo e o lobo matou o carneiro e fim.

Aluno D (impressões sobre o PIBID):

Texto sobre o PIBID

Eu gosto do PIBID pela sua solidariedade com os alunos da sala de aula e com a Professora. O PIBID nos ajuda quando agente tem Duvidas nas tarefas de classe E nas provas, eu achei um pouco estranho no começo mas eu gostei do PIBID depois de alguns dias ou meses para Eu Gostar do PIBID, Eu gostei da Atividade Quadrinha sobre o projeto “sentopeia” sobre os balões.

Aluna E (reescrita da fábula):

O lobo e o Cordeiro

Era uma vez. um Cordeiro e um lobo ai ele estava “Bebedo” água e o Cordeiro chegou e foi Beber da água do lobo e o lobo disse: como você “sér” atreve beber da minha água de lar pra car.

Aluna E (impressões sobre o PIBID):

As PIBID e legal

Eu gostei do PIBID porque elas ajuda, elas e solidarias, elas e legal.

Porque elas “mer” ajuda, elas passam Atividades e também filmes.

E eu gosto da atividade delas e que eu mais gostei foi a atividade do filme a dama é o vagabundo II que foi muito bom.

E também que elas dão “exeplos” manda ter paciência e ela é muito legal.

Aluna F (reescrita da fábula):

Era um dia “encolarado” e o lobo estava “tumando” “agua” ai chego um cordeiro ai o cordeiro começou a toma água ai o lobo disse – Como ousa toma minha água eu ouso e “toumo” mesmo por que Deus está “com migo” então se você não sai daqui eu vou te “dezora” então tá não ataco na garganta do cordeiro ai o cordeiro caio mortinho no chão e morreu.

Aluna F (impressões sobre o PIBID):

“Pibid” e Meu amigo

O “Pibid” e vocês são carinhosas e educadas “de mas” e eu amo o jeito de vocês eu amo todas vocês as paciências de vocês são ótima as alegrias nunca “vinhero” triste nem nunca choraram “a miga” de todo mundo, não maltrata nem “arrega” nem são metida.

O “Pibid” todos deve ser “engual” a “lucicleide”, a “karem”, “karol”, e “cilvilene” e a antiga minha melhor amiga Divina amo vocês espero que eu seja aluna de vocês em “calquer” escola e sala por que eu amo vocês de mas além de suas atividades incrível que eu amei “tudim” vocês são umas ótimas estudantes. Eu acho que a diretora de vocês de ver ser muito orgulhosa, obrigada por tudo que fez por agente.

A professora é sortuda e muito boa para “ajente” chama elas vem correndo, amei tudo delas muito bem “continui” assim.

Aluna G (reescrita da fábula):

O lobo e o cordeiro

O cordeirinho estava bebendo sua agua bem “tranquil”, quando “derepente” aparece o lobo querendo beber sua água, ele pegou e falou: - cai fora aqui já é meu. O lobo disse: - um tempo desse você estava falando de mim. O cordeiro falou: - eu não. O lobo pegou e devorou.

Aluna G (impressões sobre o PIBID):

PIBID

Eu gosto muito porque elas planejam peças atividades legais e o melhor elas trabalha em grupo se uma precisa de ajuda elas ajuda.

A importância delas me ajudarão muito porque elas ajudam se eu “tou” precisando ela explica com calma e eu entendo.

A “diferencia” ficou muito mais legal a sala eu consigo desenvolver rápido.

A atividade foi a peça a rosa assombrada essa peça me diverti muito mesmo fiquei nervosa na hora mas as meninas me passaram calma e paz. Então isso é o que eu acho sobre o PIBID.

Aluno H (reescrita da fábula):

O lobo e o cordeiro

Um lobo “dava” bebendo água no “corego” quando um cordeiro “também” foi beber “agua” no “corego” mais para baixo, e o lobo falou para o cordeiro:

- você estar “suchando” minha água

- como estou “suchando” sua “agua” se ela vai pra lá e pra cá? Foi você que “comel” “mel” pasto. Como comi se pasto se “nei denti” tenho mais foi você que falou mau de mim a um ano atrás. Como eu falei mau de você se nem um ano eu tenho e “lovo atacol” o cordeiro.

Aluno H (impressões sobre o PIBID):

O que eu gosto do PIBID...

Eu gosto do PIBID, por conta dos projetos e das “PIBID’ anas” que nos ajuda em “ao gumas” vezes, mais quando a professora deixa, é claro. A importância dele é muito grande, os projetos ajuda muito meu aprendizado. A diferença, foi muito boa, eu tive o PIBID no terceiro e agora no quinto ano, a atividade que eu mais gostei foi da dama e o vagabundo e sobre os Biomas, As “PIBID’ anas sam” muito inteligente, muito paciente “com nosco” e elas vão fica no meu coração pra sempre.

Aluna I (reescrita da fábula):

O rato e a barata

Certa vez, um rato estava comendo um queijo, e a barata atrevida também foi comer. E o rato disse: - como ousa comer meu queijo?

A barata respondeu: - Você pegou esse queijo da casa onde fico escondida, então também posso comer! O rato respondeu:

- Não me responda, quem pegou o queijo fui eu, então ele é meu! Depois disso o rato não falou mais nada e esmagou a barata.

Aluna I (impressões sobre o PIBID):

PIBID Sempre

No PIBID eu gosto das leituras, fábulas, as atividades que as pibidianas fazem para nós, e também é muito bom as produções de texto para desenvolver a escrita e leitura dos alunos.

O PIBID é importante pois, ajuda muito no desenvolvimento da leitura e escrita, as pibidianas ensinam muito bem e são bem calmas com todos nós, e explicam bem a qualquer dúvida do aluno.

Esse projeto está sendo muito bom para o desempenho de todos nós, já fizemos vários textos, inclusive, as pibidianas e a professora montaram um “Expositor de texto” bem organizado e lindo! Onde fica todos os nossos textos trabalhados com as pibidianas.

As atividades que eu mais gostei foi sobre os “Biomas Brasileiros” que tinha os animais de cada bioma, é ótimo estudar a natureza! Também gostei da peça que fizemos “A Rosa Assombrada” da fábula “O lobo e o cordeiro” e a “Solidariedade” baseado no filme “A Dama e o Vagabundo II”!

8- APÊNDICES

APÊNDICE A – Apresentação do questionário ao participante da pesquisa



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRAL INTEGRADA DE AULAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Caro (a) Senhor (a)

A produção deste questionário visa coletar informações, pretendendo através das perguntas realizadas chegarem ao objetivo proposto pela pesquisa. Desta forma o questionário destinado a sua resolução foi produzido com questões abertas para que a análise e a reflexão pudesse acontecer da forma como foi planejada.

A sua identidade vai ser preservada através de letras que podem ser as letras iniciais do seu nome ou alguma letra aleatória.

Agradeço desde já a sua cooperação com a referida pesquisa!

APÊNDICE B – Modelo do questionário entregue

Questionário com o fim de auxiliar a pesquisa e escrita do trabalho de conclusão de curso (TCC) da ex-bolsista Karen Ohana Sousa Bastos

Dados Pessoais:

Nome: _____

Formação acadêmica (graduação, especialização, mestrado):

Experiência Docente na educação básica (quantos anos):

QUESTÕES ORIENTADORAS DA ENTREVISTA:

1. Qual seu olhar enquanto professora supervisora a respeito do PIBID? Qual a importância desse tipo de programa para as escolas? Sobre o processo de ensino-aprendizagem na sua escola, você acha que o Pibid contribuiu para alguma melhoria? Em que aspectos? Quais os impactos do Pibid na sua escola?
2. Esse programa contribui com seu processo de formação? Em que aspecto? Qual aprendizado deixado pelo programa para a sua formação docente?
3. Na sua concepção, quais os principais desafios que o professor/supervisor enfrenta no processo de orientação da ação pedagógica dos alunos bolsistas? E as dificuldades?
4. Como você avalia o processo de desenvolvimento dos alunos bolsistas, tomando como referência o ingresso (set/2016) e a finalização (março/18) do programa? Foi possível perceber mudanças na formação dos licenciandos? Cite algumas dessas mudanças.
5. Como se caracterizou a relação entre os (as) bolsistas? Pode-se dizer que a relação foi ética, de companheirismo ou houve conflitos entre o grupo? Discorra a respeito desta relação.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (termo disponibilizado pela Universidade Estadual da Paraíba, mas adaptado em prol da minha pesquisa)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRAL INTEGRADA DE AULAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, Rosemary Raquel de Aquino, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa **“O PIBID como instrumento para a formação de professores: uma experiência pessoal sobre a contribuição do projeto na formação docente”**.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **O PIBID como instrumento para a formação de professores: uma experiência pessoal sobre a contribuição do projeto na formação docente** terá como objetivo geral: discorrer a respeito das contribuições que o Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID) trouxe para minha formação como docente, ampliando assim o conhecimento a respeito deste programa.

Ao voluntário só caberá a autorização para entrevista (qualitativa), com auxílio de um gravador ou escrito, garantindo que não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial;

- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo;
- A identidade será resguardada através da criação de um pseudônimo;
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da pesquisadora responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a

pesquisadora responsável através do número (083) 987115057 ou (83) 998345044 e solicitar falar com Karen Ohana Sousa Bastos.

- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Karen Ohana Sousa Bastos

Assinatura do pesquisador responsável

Rosemary Roque de Aguiar

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa

(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do participante da pesquisa).

Campina Grande – PB, 16/05 /2018